



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS IV – CAETITÉ  
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA**

# **As práticas pedagógicas com lúdico na literatura infantojuvenil na formação de alunos leitores**

CAETITÉ – BA  
2018

ALINE SOUZA DOS SANTOS

## **As práticas pedagógicas com lúdico na literatura infantojuvenil na formação de alunos leitores**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Letras da Universidade do Estado da Bahia, Campus VI, como pré-requisito para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Literatura.

Orientador: Prof. ° Esp. Rogério Soares Brito

ALINE SOUZA DOS SANTOS

**AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM LÚDICO NA LITERATURA  
INFANTOJUVENIL NA FORMAÇÃO DE ALUNOS LEITORES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Letras da Universidade do Estado da Bahia, Campus VI, como pré-requisito para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Literatura.

Orientador: Prof. ° Esp. Rogério Soares Brito

**Aprovada em:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Orientadora: Prof<sup>o</sup> Rogério Soares Silva

---

Examinador:

---

Examinador:

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que sempre iluminou os meus caminhos, dando-me força e coragem para enfrentar os obstáculos da vida, a minha mãe (in memoriam) que desde o início incentivou a minha escolha de me tornar uma docente, ao meu pai e a minha irmã e, principalmente a meu esposo Carlos Magno e a meu filho Carlos Henrique pelo amor e incentivo.*

## **AGRADECIMENTO**

Primeiramente a Deus por não deixar que eu desistisse de concluir o curso, dando-me forças para continuar esta caminhada, passando por muitos obstáculos, vencendo cada um deles. A minha família, meus pais e minha irmã, pela compreensão, acreditando no meu sucesso profissional. Minha querida mãe, pelo amor incondicional que me incentivou todos os dias da sua vida para que eu conseguisse chegar até o fim dessa caminhada. Sei que de onde estiver estará feliz por eu ter conseguido esta graduação. Esta vitória dedico a você, obrigada por tudo, saudades eternas! Ao meu esposo Carlos Magno que sempre me apoiou nas decisões mais difíceis que precisei tomar, contribuindo para meu sucesso, obrigada por existir em minha vida pelo amor, carinho. Ao meu filho Carlinhos que mesmo tão pequeno está presente neste momento de finalização do curso.

Não posso deixar de agradecer ao meu orientador Rogério Soares Brito pela dedicação, paciência e disponibilidade, dando-me conselho, mostrando o melhor caminho a seguir nesse momento. E a todos os professores que de forma direta ou indireta ajudaram contribuindo com experiências, conhecimentos contribuindo para minha formação, muito obrigada, que Deus abençoe cada um de vocês.

## RESUMO

Através de discussões acerca da ludicidade como elemento fundamental para a aprendizagem escolar dos jovens, com base em pesquisas bibliográficas, abordagem qualitativa e quantitativa, utilizando-se de questionários, este trabalho pôde ser realizado. O mesmo teve o objetivo de analisar como os elementos internos da literatura infantojuvenil, a saber o lúdico, influenciam na formação de alunos leitores. O estudo bibliográfico foi construído a partir da historicidade da literatura infantil e infantojuvenil no Brasil, compreendendo a importância teoricamente da ludicidade nas obras literárias, como elemento que influencia na aprendizagem e no desenvolvimento da leitura dos jovens, pois é através de livros e contos infantojuvenis que o aluno aprende a importância de ouvir, contar e recontar histórias. A literatura infantojuvenil é um caminho que leva os jovens a desenvolverem a imaginação, as emoções e os sentimentos de forma prazerosa e significativa. Tomamos como principais referências Nelly Coelho (2000), Maria Dinorah (1995), Lúcia Góes (1998), José Gregorin (2009), Marli Santos (2007), Glória Souza (2006), Regina Zilberman (1998) e Richard Bamberguerd (2000). Na análise dos dados para obtenção dos resultados, foram feitas pesquisas, com professores da rede de ensino municipal, estadual e particular.

**Palavras chaves:** Literatura infantil. Literatura infantojuvenil. Ludicidade nas narrativas. Formação de leitores

## **ABSTRACT**

Through discussions about playfulness as a fundamental element for the school learning of the young, based on bibliographical researches, qualitative and quantitative approach, using questionnaires, this work has the objective of analyzing how the internal elements of the children and young people literature, namely the ludic, influence the training of student readers. The bibliographic study was based on the historicity of children's and youth's literature in Brazil, comprehending the importance of playfulness in literary works, influencing the learning and development of the reading of the young people, since it is through books and stories that the student learns the importance of listening, telling and recounting stories. It is a path that leads youth to develop their imaginations, emotions and feelings in a pleasurable and meaningful way. Taking as main references Nelly Coelho (2000), Maria Dinorah (1995), Lúcia Góes (1998), José Gregorin (2009), Marli Santos (2007), Glória Souza (2006), Regina Zilberman (1998) e Richard Bamberguerd (2000). In the data analysis to obtain the results, research was done, with teachers from the municipal, state and private educational network.

**Keywords:** Children's literature. Youth's literature. Playfulness in narratives. Training of readers

## FIGURAS

<b>GRÁFICO 1:</b> Especificação do cargo que ocupa .....	35
<b>GRÁFICO 2:</b> Especificação da formação .....	36
<b>GRÁFICO 3:</b> Tempo de atuação como docente .....	37
<b>GRÁFICO 4:</b> Você se considera um professor leitor .....	38
<b>GRÁFICO 5:</b> A escola possui biblioteca.....	39
<b>GRÁFICO 6:</b> Projeto de leitura .....	40
<b>GRÁFICO 7:</b> Práticas pedagógicas com o uso da Literatura Infantojuvenil .....	41
<b>GRÁFICO 8:</b> Frequência do uso da Literatura Infantojuvenil .....	42
<b>GRÁFICO 9:</b> Literatura Infantojuvenil inserida de maneira prazerosa .....	43
<b>GRÁFICO 10:</b> Ambiente que proporcione o contato com a leitura .....	44
<b>GRÁFICO 11:</b> Contribuições da Ludicidade no processo de desenvolvimento da leitura dos alunos .....	45
<b>GRÁFICO 12:</b> Contato dos jovens com o mundo da Literatura Infantojuvenil .....	46
<b>GRÁFICO 13:</b> Linguagem não verbal como estratégia pedagógica .....	47

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2. A LITERATURA INFANTIL E INFANTOJUVENIL BRASILEIRA</b> .....	13
2.1. Surgimento e autores da literatura infantil no Brasil .....	13
2.2. Surgimento e autores da literatura infantojuvenil no Brasil .....	17
<b>3. A LUDICIDADE DAS NARRATIVAS UTILIZADAS NA LITERATURA INFANTOJUVENIL BRASILEIRA</b> .....	20
3.1. A ludicidade na Literatura Infantojuvenil.....	20
3.2. A linguagem verbal .....	23
3.3. A linguagem não-verbal .....	24
<b>4. AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTOJUVENIL NO DESENVOLVIMENTO DA FORMAÇÃO LEITORA DOS ALUNOS</b> .....	26
4.1 A importância da literatura infantojuvenil para formação de alunos leitores	
<b>5. ANÁLISE SOBRE METODOLOGIA APLICADA</b> .....	31
5.1 As práticas pedagógicas com a literatura infantojuvenil .....	31
5.2 Análise de dados .....	34
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	52
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	53
<b>8. APÊNDICE – QUESTIONÁRIO</b> .....	54

## 1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por finalidade destacar as influências da ludicidade na literatura infantojuvenil na formação de alunos leitores e se justifica com base em observações feitas em algumas aulas da disciplina de português do ensino fundamental II de algumas escolas do município de Caetité. As aulas observadas instigaram a realização da pesquisa, pelo fato de alguns livros da literatura infantojuvenil do autor Pedro Bandeira, ter conseguido despertar o interesse dos alunos pela leitura, através da exploração do lúdico presente nas obras, servindo como suporte pedagógico das professoras. Desta forma, o objetivo deste trabalho é analisar como os elementos internos da literatura infantojuvenil, a saber o lúdico, influenciam na formação de alunos leitores.

A pesquisa realizada constituiu-se de três etapas que se complementam, que são: a pesquisa bibliográfica, a pesquisa de campo e a análise de dados coletados. A pesquisa bibliográfica ofereceu suporte teórico para as etapas seguintes, além de ter sido considerada como o ponto de partida de toda a investigação, já que consiste no levantamento de informações feito a partir de material coletado em livros, revistas, artigos, sites da Internet e em outras fontes escritas, devidamente publicadas.

Para a verificação dos dados propostos para análise, foram aplicados questionários entre quinze educadores, da cidade de Caetité, Bahia, sendo cinco professores da rede municipal, cinco da rede estadual e cinco da rede particular. Através do questionário, podem-se obter respostas precisas, pois através desse método de coleta de dados, o entrevistado se sente livre para responder em razão do anonimato. Após ficarem prontos, foram recolhidos os questionários para serem feitas as análises dos dados. Através dos dados obtidos e observações sobre a pesquisa, apresentam-se algumas contribuições para que os novos olhares sejam voltados para a formação de alunos leitores através da literatura infantojuvenil.

Os capítulos que compõem este trabalho apresentam-se da seguinte maneira: no primeiro capítulo é apresentado o percurso histórico sobre o surgimento da literatura infantil e infantojuvenil no Brasil com as autoras Glória Souza (2006), Lúcia Góes (1998), Maria Dinorah (1995), Nelly Coelho (2000 e 2010) e Regina Zilberman (1997), que apresentam cada período dessa fase com seus determinados autores e suas contribuições. No segundo e terceiro capítulo enfatiza-se a ludicidade das obras literárias destinadas aos leitores juvenis. Os autores Alonso Tapia e Enrique Fita (2006), José Gregorin (2009), Marli Santos (2007) e Richard Bamberguerd (2000) opinam seus pontos de vista sobre a importância do lúdico e as linguagens verbais e não verbais, presentes nos livros infantojuvenis destacando como a ludicidade contribui no

desenvolvimento da formação leitora dos alunos. Esses dois capítulos são de suma importância para o desenvolvimento do trabalho, pois dão apoio para a análise das respostas dos professores ao questionário.

O quarto capítulo traz informações sobre os aspectos que comprovam a importância da literatura infantojuvenil e suas contribuições no desenvolvimento da leitura dos jovens e na formação do leitor. Teremos Bruno Bettelheim (1996), Irene Machado (1993), Maria Melendes (2008), Vânia Resende (1993) e Vera Silva (1994); que abordam as formas como a literatura infantojuvenil deve ser trabalhada, mostrando como esse contato com os livros vai ajudar os alunos a se tornarem um ser crítico e conhecedor do mundo, evidenciando as práticas pedagógicas utilizadas com esse tipo de literatura.

No último capítulo apresentam-se informações sobre as práticas pedagógicas, com base nos autores Alonso Tapia e Enrique Fita (2006), Vera Aguiar (2001), Regina Zilberman (1990), Richard Bamberg (1988) e Santa Marli Santos (2007), que apontam a ludicidade como uma ferramenta importante nas práticas pedagógicas dos docentes. Para verificação se de fato a ludicidade das narrativas infantojuvenis contribuíram no processo de formação leitora dos alunos, foi realizada uma pesquisa com os docentes da rede de ensino de Caetité. Através de um questionário que após aplicado, foi analisado e as respostas estarão representadas em forma de gráficos.

Portanto, os autores apontados contribuíram para realização deste trabalho, evidenciando como a ludicidade na literatura infantojuvenil vai influenciar no desenvolvimento da leitura dos alunos. De acordo com Richard Bamberg (1998, p.109) “a ludicidade dos livros e contos faz com que os alunos aprendam a desenvolver a imaginação, emoções e sentimentos de forma prazerosa e significativa.”

Preservar as relações entre a literatura e a escola, com o uso do livro em sala de aula, depende da escola e do professor em querer ter como propósito de ensino para a formação de leitores, pois de fato, tanto a obra literária como a instituição de ensino devem estar voltadas a formação do indivíduo ao qual se dirigem. Assim, o período em que os alunos passam na escola é de extrema relevância para construção de sua inteligência, socialização e afetividade. É necessário que a escola promova um ambiente saudável e motivador de modo que atenda às necessidades das crianças e dos jovens.

A literatura infantojuvenil constitui-se num dos momentos mais ricos e significativos dentro das instituições de ensino, e não há proposta pedagógica que não inclua em seu currículo o contato dos alunos com os maravilhosos livros dessa literatura. Os livros são o caminho que leva os alunos ao mundo da leitura de maneira divertida, pois através de seu caráter mágico e

lúdico faz com que as atenções deles se voltem para esta literatura; que apresenta textos que com temas que se preocupam em contribuir para a formação de um indivíduo crítico, responsável e atuante na sociedade. Ela possui como elemento interno facilitador do encantamento das crianças e jovens a ludicidade das narrativas e através dessa possibilita a descoberta do mundo e de si mesmo. Portanto, cabe ao professor desenvolver nas atividades cotidianas, o gosto pela leitura e assim proporcionar aulas mais prazerosas para seus alunos.

Segundo os PCNs (1997) Parâmetros Curriculares que trazem os Temas Transversais, que abordam assuntos como ética, pluralidade cultural e diversidade, os textos trabalhados em sala de aula devem proporcionar para o aluno a discussão de assuntos pertinentes ao momento social, político e cultural nos nossos dias, tornando-os verdadeiros leitores e não meros memorizadores de códigos.

Quase sempre vinculado ao ato pedagógico, a literatura, não deve ser vista apenas por esse prisma. Essa perspectiva pode matar a sua ludicidade. Cabe, portanto, aos professores, estarem atentos àqueles elementos indispensáveis à forma literária que, dá vida à literatura infantojuvenil, devendo manter sempre vivo o interesse dos alunos pelo maravilhoso, que foi e continua sendo um dos elementos mais importantes destinado à criança e jovem.

## **2. A LITERATURA INFANTIL E INFANTOJUVENIL BRASILEIRA**

### **2.1 Surgimento e autores da literatura infantil no Brasil**

A literatura infantil e juvenil constitui-se num dos momentos mais ricos e significativos na fase de formação de um leitor, pois é através dos livros e contos infantil e juvenil que o aluno aprende a importância de ouvir, contar e recontar histórias. É neste período que as crianças e os jovens desenvolvem a habilidade de imaginar, ter emoções e sentimentos de forma prazerosa e significativa.

Porém, durante o século XVIII, a visão de infância não era concebida. De acordo com Maria Dinorah (1995, p. 120), “a criança vivia no mundo do adulto, ouvindo as mesmas histórias que eles ouviam, participando da literatura na qual o adulto era inserido.” Eram histórias diversificadas, pois as crianças nobres ouviam geralmente grandes clássicos e as crianças da classe popular ouviam as histórias de aventuras contadas pelos mais velhos da classe popular.

Somente a partir do século XVIII com o surgimento da burguesia e da queda da monarquia europeia é que a infância, segundo Philippe Áries (1981), passa a ser considerada com os cuidados que ainda hoje devotamos a essa etapa da vida humana. Os burgueses, preocupados com a formação de mão de obra qualificada, expandem a escola e torna obrigatória o ensino. A necessidade de materiais didáticos faz com que os recursos da tradição oral sejam apanhados e transformados em suporte pedagógico de ensino. Na Europa a literatura infantil ganha impulso com a recolha de contos populares feitas no século XIX pelos irmãos Grimms.

A autora Maria Dinhorah (1995) afirma que foi com base nessas histórias contadas oralmente que vai surgindo a necessidade de usar a escrita para registrar as histórias que envolve a cultura de um mundo. E através dos registros escritos que os autores preservavam a memória de um passado histórico que se remonte até hoje. Segundo a autora Maria Dinorah:

Com a evolução da escrita e do conhecimento, os processos culturais vinculados a essa palavra escrita forma e monta fator de crescimento interior do homem, que hoje podemos afirmar que um país sem cultura é como um corpo sem anticorpos: pronto para todas as mazelas.  
(DINHORAH; 1995, p. 127 )

Com todo o processo de transformação que acontecia na época, as escolas passaram a ter papéis fundamentais na formação das crianças, os livros escolares e os infantis acabaram se

aproximando. No Brasil as características que marcavam as obras que estavam surgindo eram: modelar um Brasil exuberante e antecipar um futuro vitorioso. Não muito diferente dos outros países, o Brasil teve seu início com obras literárias mais voltadas ao pedagógico, trazendo adaptações portuguesas que mostravam a dependência que existia entre as colônias.

É neste período que vai surgindo os primeiros autores brasileiros a se interessarem por esta literatura. Na opinião da autora Maria Dinorah (1995) os nomes dos primeiros brasileiros que deram importância e se preocuparam com a literatura infantil no Brasil, foram Carlos Jansen e Alberto Figueiredo Pimentel. Esses autores brasileiros traduziram as primeiras páginas dos clássicos que hoje conhecemos e dessas traduções vieram autores como Thales de Andrade que inicia como o primeiro autor na produção de livros infantis brasileiro.

A autora relata em seu livro que foi com base na iniciativa de Thales de Andrade que nosso grande autor Monteiro Lobato vai escrever seus primeiros livros tendo como a primeira obra “Narizinho Arrebitado”, que o autor apresenta a trajetória de vida da personagem “Emília”. Esta obra de Monteiro Lobato apesar de ter sido escrita em décadas atrás, não perdeu seus encantos e sua valorização é reconhecida até os dias de hoje. Ela narra a história de uma boneca que ao engolir uma pílula começa a falar, vivendo com humanos e animais. Desta obra surgem as histórias clássicas brasileiras do Sítio do Picapau Amarelo. Confirmando o relato da autora Maria Dinorah (1995), a autora Maria Antonieta Antunes Cunha nos mostra:

Com Monteiro Lobato é que se tem início a verdadeira literatura infantil brasileira. Com uma obra diversificada quanto a gêneros e orientação, cria esse autor uma literatura centralizada em alguns personagens, que percorrem e unificam seu universo ficcional. No Sítio do Pica-pau Amarelo vivem Dona Benta e Tia Nastácia, as personagens adultas que “orientam” crianças (Pedrinho e Narizinho), “outras criaturas” (Emília e Visconde de Sabugosa) e animais como Quindim e Rabicó. ( CUNHA; 1983,p.20)

Porém, a autora Nelly Coelho (2000) traz informações divergentes da autora Maria Dinorah (1995), em suas pesquisas o primeiro brasileiro a escrever para as crianças e depois para jovens com histórias de qualidade literária foi o autor Monteiro Lobato. A autora, em seu livro Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática (2000) relata que Lobato escreveu diversos livros até mesmo adaptações das obras dos irmãos Grimm e de Perrault, porém após este período a literatura infantil no Brasil ficou reprimida por um longo período e só a partir da década de 70 é retomado esse gênero no país.

Segundo Nelly Coelho (1999) é nesta década que o Brasil apresenta um índice alto de analfabetismo e as escolas começam a se preocupar em desenvolver projetos tentando

solucionar o problema do analfabetismo, ocorrendo também uma reforma no ensino. É a partir desta reforma que o consumo de livros aumenta e a partir de então, a literatura infantil passou a ser tema de estudos e seminários, e também surgiram os quadrinhos, produção gráfica destinada às crianças.

Assim, muitos fatores contribuem para a literatura infantil tornar-se assunto importante em relação à educação brasileira. Conforme a autora, a escola voltou-se para a literatura infantil com interesses imediatos, como o de expandir o domínio linguístico dos alunos e auxiliá-los a escrever melhor. Nas últimas décadas, a literatura infantil vem se constituindo de forma rica e diversificada em nosso país, com produções de boa qualidade para todas as faixas etárias.

Um outro autor José Gregorin (2009) traz mais informações, explicando também o surgimento da literatura infantil no Brasil, em que as histórias contadas para crianças, eram com característica de uma literatura europeia clássica, tradicional, traduzida ou adaptada para o idioma brasileiro. O autor ainda afirma confirmando o que a autora Nelly Coelho (2000) diz em seu livro que em 1921 que o primeiro autor brasileiro a inaugurar a literatura infantil brasileira foi o autor Monteiro Lobato.

Na educação e na prática de leitura no Brasil do final do século XIX até o surgimento de Monteiro Lobato, os paradigmas vigentes eram nacionalismo, o intelectualismo, o tradicionalismo cultural com um modelo de cultura imitado da Europa e com o moralismo religioso que exigia retidão de caráter, honestidade e pureza do corpo e alma de acordo com os conceitos cristãos.

É com o surgimento de Monteiro Lobato na literatura infantil que vai trazer uma proposta inovadora, a criança passa a ter voz. Lobato apresenta características nunca exploradas na literatura para crianças, com temas revolucionários para explicar o destino da sociedade, um olhar empresarial, preocupação com os problemas sociais, despertando no leitor uma flexibilidade no modo que viviam no mundo. Dentre diversos temas que ocasionaram algumas polêmicas na época e até hoje.

Evidentemente, o autor Monteiro Lobato foi o precursor de uma nova literatura destinada às crianças no Brasil, uma literatura que ainda passaria por transformações, por um período de ditadura militar e por mudanças tecnológicas na sociedade. E que após este período outros autores vão surgindo, sendo um deles Viriato Correa que lança uma série de livros para o público infantil “Era uma vez livro de contos”. Sendo o mais conhecido a obra “Coração e Cazuza”, que foram lançados em 1938. Cazuza mostrou para os leitores o movimento histórico do Brasil, que foi o movimento do deslocamento da população do campo para a cidade impulsionando assim a modernização do país.

Novas apostas e reformas de ensino aconteceram nos anos 70. As escolas passaram a privilegiar o livro e a criança, que passou a ser vista como consumidores em potencial. Ainda na década de 70 surgiram novos autores que seguiam os traços de Lobato e começaram a estruturar uma nova literatura infantil traçando características com humor, criatividade, linguagem moderna. Inserindo os problemas que a sociedade brasileira com temas que visavam formar crianças capazes de participar e serem reflexivas em suas práticas de leitura.

Vários autores tiveram influência nessa época, as obras todas lidas pelas crianças e exercendo assim fato marcante na vida escolar daquele período no Brasil. O autor José Gregorin (2009) ainda cita nomes de inúmeros autores na área da literatura infantil como: Olavo Bilac, Manuel Bonfim, Júlia Lopes de Almeida, Adelina Lopes Vieira, os da atualidade como Pedro Bandeira, Carlos Queiroz Telles, Lúcia Pimentel Góes, Roseana Murray e Ziraldo, entre outros.

Hoje a literatura infantil é escrita com algumas funções como o lúdico, o catártico e libertador, cognitivo e pragmático, trazem as vozes das crianças e o universo cotidiano com seus conflitos para serem lidos, vistos, sentidos, visando preparar as crianças para uma vida de diversidades. Nelly Coelho (2000) apud José Gregorin (2009) define esse momento da literatura:

Literatura Infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível / impossível realização. ( COELHO apud GREGORIN, 2009, p.22 )

Desse modo, verificamos dois momentos da literatura infantil no Brasil em busca da expressão artística apropriada ao universo da criança. O primeiro momento antes do autor Monteiro Lobato, onde as obras eram passadas por adaptações e não tinha criações próprias de brasileiros, com temas abordando valores individualista, a hierarquia tradicional de classes, a dominação da igreja Católica. Desse modo, a literatura para criança se torna um instrumento pedagógico, escrita para uma criança que é vista como um adulto em miniatura.

E o outro momento que seria o atual, o pós-lobatiano, em que a literatura para crianças é escrita através de uma individualidade consciente, na luta contra os preconceitos e mostrando um mundo em construção para uma criança que passa a ser vista como um ser em formação. Assim percebe-se que os três autores nos mostram, que o surgimento da literatura infantil no Brasil não se deu através de apenas um autor e sim de vários que foram contribuindo para que esta literatura se tornasse tão maravilhosa na vida das crianças, sendo um deles o mais conhecido e criticado até hoje o autor Monteiro Lobato.

## 2.2 Surgimento e autores da literatura infantojuvenil no Brasil

É com base na literatura infantil e na necessidade de ter obras destinadas a jovens, que vai surgir no século XX a literatura infanto-juvenil. Esta literatura durante muito tempo ficou relegada à marginalidade, como uma literatura menor, devido ao seu caráter dirigido ao leitor-irmão e seu cunho pedagógico. Para a autora Glória Souza (2006) a literatura infantojuvenil é a primeira forma de escrita de contato do jovem com as tradições culturais e literárias de seu povo. Ao mesmo tempo que promove recreação, também cultiva valores necessários à vida em sociedade e favorece o raciocínio e a inteligência da criança e do jovem. Sua função primeira é despertar, na criança e no jovem, o gosto pela leitura e permitir-lhe um contato com a realidade que o cerca.

A autora faz um panorama com os três momentos significativos da literatura infantojuvenil no Brasil, iniciando sua formação no final do século XIX à primeira década do XX, onde prevalecem as traduções e adaptações de contos populares, além de sua relação próxima com o universo pedagógico é um período em que os livros dirigidos às crianças e aos jovens ainda mantinham um acento utilitário e pedagógico e uma certa preocupação com a moral. O momento de transição ocorre no século XX até por volta de 1960, quando o autor Monteiro Lobato com sua produção mais consistente deixando a narrativa tradicional, fechada e unidirecional vai criando obras com elementos de ludicidade e com um trabalho apurado em uma linguagem simples e de fantasia.

O ano de 1970 é um período de expansão, com significativo avanço do texto para o público infantojuvenil, entre outros aspectos, seja novela, romance, conto ou crônica, utilizando os mais diversos recursos, inclusive alguns antes apenas aplicados na literatura para adultos, trabalhando com temas novos ou revitalizando temas antigos. A literatura dirigida à criança e jovens torna-se um caminho para a reflexão e para o questionamento. Para autora Glória Souza (2006)

A atual situação da literatura brasileira infantojuvenil contradiz a desvalorização e marginalidade a que ela ficou sujeita durante muito tempo, podendo agora ser analisada sob diferentes perspectivas críticas. (GLORIA, 2006, p.17)

Assim, percebe-se que a literatura infantojuvenil, apesar dos desafios no seu surgimento, hoje já apresenta características novas que enfatiza a necessidade ligar-se ao processo de escolarização dos jovens, mas também atuar como um elemento incentivador da leitura, tendo

um papel fundamental na formação de um leitor, abordando temas críticos e realistas para que os jovens se identifiquem no mundo.

A autora Gloria Souza (2006) cita nomes de autores que ajudaram na expansão da literatura infantojuvenil como: Lygia Bojunga (*A cama*, 1999), Paulo Rangel (*O assassinato do conto policial*, 1989), Jorge Miguel Marinho (*Te dou a lua amanhã...: biofantasia de Mário de Andrade*, 1993), Lia Neiva (*A gata do rio Nilo*, 1999) e Luciana Sandroni (*Minhas memórias de Lobato, contadas por Emília, Marquesa de Rabicó e pelo Visconde de Sabugosa*, 1997). A última autora Sandroni faz uma releitura das obras de Monteiro Lobato, enriquecendo mais a história e a memória deste grande autor.

O autor José Gregorin (2009) também faz reflexões a respeito da trajetória de surgimento da literatura infantojuvenil até a atualidade, aprontando momentos históricos que influenciaram nesse surgimento. Para o autor, a literatura infantojuvenil apresenta quatro momentos em vez de três conforme Glória Souza (2006).

Em resumo: O primeiro momento da literatura infanto-juvenil no Brasil ocorre no período do Brasil colônia até a década de 1920, onde a literatura reflete todas as principais tendências da Europa, tendo características de cunho humanista dramático, como instrumento pedagógico, nacionalismo com ênfase na vida rural e com histórias em forma de fábulas, contos de fadas, novela de aventura e de cavalaria.

O segundo momento, de 1920 a meados de 1980 mais conhecido como o período de Monteiro Lobato, historicamente o Brasil estava se reconstruindo, nesse mesmo momento ocorre a expansão da literatura em quadrinho junto com os conflitos do modernismo, vai formando o teatro infantil com expansão dos meios de comunicação em massa. É um momento importante para a educação, pois surge a criação da LDB (Lei nº 4.024, de 20/12/1961).

O terceiro momento ocorre em 1980 até 1990, conhecido como pós-Lobato, com influências da abertura política na concepção de educação, surge uma literatura inquieta e questionadora, com questões cotidianas e mais realista, um apelo a curiosidade do leitor, com dialogismo presente nos textos para crianças a jovens, um apelo a visualidade e a tecnologia tomando espaço na vida das pessoas

O quarto e último período surge em 1990 até a atualidade, conhecido como o período Contemporâneo, que surge com modificações na Lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDB) (Lei nº 9.394, de 20/12/1996), com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e com temas transversais são inseridos nas propostas curriculares, a Lei nº 11.645/2008. É neste período que as múltiplas linguagens têm um grande avanço junto com a hipertextualidade.

Nelly Coelho (2000) também traz contribuições na informação sobre a literatura infantojuvenil brasileira, destacando o período mais avançado desta literatura com o período pós-Lobatiana, em que neste momento as obras apresentam um aspecto criativo, ou melhor, das que apresentam um valor literário original, com obras inovadoras e continuadoras, atingindo o nível do literário autêntico, com um questionamento sobre mundo, procurando estimular o leitores a transformar um dia.

Nessa perspectiva, a literatura infantojuvenil apresenta ter seu papel fundamental na formação de um leitor quando é de fato trabalhado de maneira coerente. E a partir de tais constatações que se percebe que os alunos sem livros não terão nenhuma visão de mundo ou conhecimento, pois são os livros que vão proporcionar e desenvolver a criatividade, sensibilidade, sociabilidade e o senso crítico.

Hoje, porém, não se pode dizer isto sobre as obras que estão sendo comercializadas e consumidas por crianças, adolescentes e jovens adultos. De acordo com Célia Fernandes (2007, p. 3-4) existem muitos especialistas que estão dedicando-se ao estudo dos textos literários voltados para o público infantil e jovem dentro das universidades. A existência de uma literatura infantojuvenil não é mais negada, mas questionada no que se refere à interferência de orientações pedagógicas na produção editorial e também na “relativa autonomia do escritor que, de acordo com as necessidades do mercado, acabaria escrevendo, muitas vezes, livros por encomenda”.

A qualidade das obras que não se voltam somente à intenção pedagógica e didática é reconhecida, bem como a sua importância na formação de leitores e o seu estatuto literário. Como aqui no Brasil a literatura infantojuvenil sempre esteve muito ligada à escola e à atual discussão dentro da educação, mediante os resultados dos estudantes brasileiros em exames nacionais e internacionais, é o analfabetismo funcional, ou seja, indivíduos que leem, mas não apreendem o sentido do texto, é de suma relevância mencionar as políticas públicas de popularização da leitura no país.

### **3. A LUDICIDADE DAS NARRATIVAS UTILIZADAS NA LITERATURA INFANTOJUVENIL BRASILEIRA**

#### **3.1. A ludicidade na Literatura Infantojuvenil**

A ludicidade é um substantivo feminino que se refere à qualidade do que é lúdico, sendo um adjetivo masculino com origem no latim *lundus*, que remete a jogos e brincadeiras. Segundo o Dicionário dos Termos Literários do autor Massaud Moisés (2004), o conceito de ludicidade está relacionado às atividades que despertam prazer, de jogos e ao ato de brincar, sendo um componente muito importante para a aprendizagem.

O lúdico apresenta um dos elementos fundamentais no processo de ensino-aprendizagem, pois supera os indesejáveis métodos do conteúdo pronto, acabado e repetitivo, que tornam a educação sem vida, alegria e monótona. Desta forma, uma das formas de fazer com que o aluno desperte sua curiosidade, o prazer em aprender e descobrir é a exploração do lúdico das narrativas literárias, não estando apenas no ato de brincar, está também no ato de ler contribuindo para o conhecimento do mundo.

Segundo Oliveira a ludicidade consiste em:

[...] um recurso metodológico capaz de propiciar uma aprendizagem espontânea e natural. Estimula a crítica, a criatividade, a sociabilização. Sendo, portanto reconhecido como uma das atividades mais significativas – senão a mais significativa – pelo seu conteúdo pedagógico social. (OLIVEIRA, 1985, p. 74)

Desse modo, acredita-se no pressuposto de que a ludicidade tomada como recursos metodológicos podem ser fundamentais para o desenvolvimento de uma atividade educativa que realmente contribua no desenvolvimento da leitura dos jovens na escola. É no momento da leitura que muitas vezes identificamos com um dos personagens, podendo sentir várias emoções como: raiva, irritação, bem-estar, medo, alegria e outros sentimentos que as histórias podem nos proporcionar.

A ludicidade das narrativas nos mostra um mundo de magia, de fantasia, de realidade e de descobrimento, podendo proporcionar ao aluno um interesse maior para a leitura, interpretação e compreensão, contribuindo com o desenvolvimento da capacidade de observação e comunicação.

De acordo com José Barroco (2004, p.205), alguns pesquisadores há uma crescente preocupação durante o desenvolvimento da leitura dos adolescentes, devido às rápidas mudanças ocorridas no mundo e as mudanças de comportamento destes jovens diante a sociedade, ou seja, a capacidade de o contexto influenciar nas tomadas de decisões do indivíduo. Desta forma, ao incentivar os jovens a terem contato com a leitura, possibilitará uma visão de mundo reflexivo. Sendo que a exploração da ludicidade das narrativas ajudará na vida

dos jovens, no desenvolvendo da sua criatividade e até mesmo no seu comportamento no meio social.

Atualmente, os docentes podem ter acesso a vários estudos, divulgação de experiências e obras literárias acerca de informações que apontam a eficácia da ludicidade como recurso pedagógico facilitador da aprendizagem. Tais registros evidenciam que essa aplicabilidade permite ao aluno participar e interagir com os conteúdos estudados em sala de aula, o que possibilita a apreensão desse conhecimento de forma agradável e prazerosa.

É importante que o educador amplie a ludicidade ao universo do conhecimento dos jovens, estimulando-a a perceber as habilidades, hábitos e atitudes que ela poderá alcançar por meio do lúdico. De acordo com Santa Marli Santos:

A ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento. ( SANTOS, 1997, p. 12)

Assim é preciso respeitar os níveis de compreensão dos alunos do ensino fundamental, valorizando a sua realidade para que se efetive o processo de ensino aprendizagem. Isto deve ser feito sem imposição, pois ninguém sabe tudo, cada um tem o seu conhecimento pautado em suas convicções e experiências vividas. Desta forma o trabalho com a ludicidade, para além da recreação, deve envolver a sensibilidade e a descoberta de um novo sentido para a leitura e a escrita, vislumbrando o desenvolvimento pleno da capacidade do sujeito.

O autor José Gregorin (2009) aborda que o lúdico além de facilitar a visão da relação do aluno sobre o social, ainda pode promover o resgate das influências culturais e, por sua vez, torna a escola como um espaço de resgate cultural, de valorização social, de reprodução do conhecimento adquirido em gerações passadas. E como alternativa de trabalho bastante eficaz, o lúdico insere uma perspectiva de aprendizagem prazerosa, de forma objetiva e natural, onde os jovens se dispõem liberalmente à produção do conhecimento de forma inconsciente, mas, construtiva e diversificada.

Olga Molina (1992, p. 35) diz que “através do lúdico e de sua história são recuperados os modos e costumes das civilizações”. As possibilidades que a literatura oferece são enormes e capaz de revelar as contradições existentes entre a perspectiva adulta e a infantil, buscar saciar a curiosidade de tudo, conhecer, representar as práticas sociais, liberar riquezas do imaginário,

enfrentar e superar barreiras ofertar a criação, imaginação e fantasia, desenvolvimento afetivo e cognitivo.

Nesta perspectiva a autora Maria Martins diz que:

O professor, como mediador do conhecimento, exerce apenas a função de intermediar o processo e observar que a leitura que podem facilitar a assimilação do que é proposto e a evolução dos aspectos cognitivos de seus alunos. A atividade acaba por ser prazerosa por não impor limites e regras abstratas. Não depende de regras, de formas rigidamente estruturadas. (MARTINS, 1986, p. 145)

Assim, a ludicidade demonstra ser uma alternativa metodológica capaz de modificar e facilitar a aprendizagem, além de permitir aos educadores vivenciar novas experiências, contribuindo para mudar sua concepção de mundo. Desta forma, o educador precisa vivenciar o prazer do brincar durante sua formação, para que ele possa interagir de forma dinâmica com os discentes, pois quem experimentou a alegria e o prazer de brincar, com certeza, repassará com mais facilidade essa experiência para o contexto educacional. O autor José Gregorin (2009), apresenta que a linguagem oral e escrita, está inserida também numa concepção lúdica contribuindo para o desenvolvimento da leitura dos alunos, como forma de interação para externar pensamentos ou para apropriação de conhecimentos.

### **3.2 A linguagem oral**

O desenvolvimento da linguagem oral é fundamental para a formação de um bom leitor, porém, devem-se considerar outras estratégias como mecanismos agenciadores na construção de hábitos literários e no tocante a este aspecto reside a intenção dos projetos de literatura, que no contexto da Educação Fundamental II devem ser articulados como práticas dinamizadas e entrelaçadas a outros eixos do conhecimento.

De acordo com José Gregorin (2009, p. 56) “a linguagem oral tem uma função prática imprescindível na vida humana e social”. É uma habilidade construída socialmente, ou seja, a comunicação entre os jovens ocorre por meio de troca de experiências interpessoais com familiares, amigos e professores. Conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação fundamental (1998, p. 125), “a construção da linguagem oral implica, portanto, a verbalização e na negociação de sentidos estabelecidos entre pessoas que buscam comunicar-se”.

Considerando, portanto, que o desenvolvimento da linguagem oral se dá mediante a vivência de experiências diversificadas, envolvendo os usos possíveis da linguagem oral, cabe

aos professores planejarem a ação pedagógica de forma a garantir, na sala de aula, atividades sistemáticas de fala, escuta e reflexão sobre a língua. A autora Regina Zilberman diz que:

Quando se utiliza a oralidade, o aluno amplia seus horizontes, de comunicação, exercita o pensar, socializa-se, organiza a sua mente, interpreta o mundo, expõe ideias, debate opiniões, expressa sentimentos e emoções, desenvolve a argumentação, comunica-se com facilidade, além de se preparar para um futuro profissional no qual ela seja. Porém, muitas vezes, devido à falta de objetivos e técnicas, o trabalho com a oralidade na sala de aula se torna rotineiro, sem conteúdo nem finalidade. ( ZILBERMAN, 2003, p. 154)

Desta forma, se a linguagem oral foi apresentada aos alunos de forma lúdica, sem pressão e delimitações, ela favorecerá o desenvolvimento linguístico dos alunos, possibilitando o contato com vocábulos novos, ampliando o conhecimento e melhorando a ortografia. O José Gregorin (2009) afirma que o professor deve explorar a linguagem oral de forma bem lúdica, distribuindo livros e criando momentos de contação, considerando a realidade sociocultural, suas carências e subprodutos e partindo delas, propor atividades referentes à leitura iconográfica e escrita instigando a imaginação, a curiosidade e a interação com a obra literária em seus múltiplos aspectos.

### **3.3 Linguagem não verbal**

“Nem só de palavras se constrói um livro para jovens”, ( GREGORIN, 2009, p, 57), a ilustração apesar de ser mais explorada nas series iniciais, é uma das linguagens não verbais mais recorrentes nas obras literárias juvenis. Este tipo de linguagem tem como objetivo destacar aspectos do texto literário ou assinalar seu início e fim. Um exemplo são as letras capitulares, que marcam o início dos textos, as vezes de maneira artística e remetendo a características textuais de uma época, como nos textos da época medieval. Veja um exemplo no texto abaixo do período medieval, onde o início do capítulo é representado com a letra B, acompanhado com uma imagem de um animal.



**FONTE:** Imagem do Livro “**Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores**” do autor José Gregorin.

Assim percebe-se que linguagem não verbal apresenta um papel semelhante ao da linguagem oral, permitindo através de ilustrações, descrever objetos, cenários, personagens, etc. Ela também tem a função de narrar, por meio de uma outra linguagem, uma ação, cena ou outro fato mostrado pela linguagem verbal. Representa uma ideia, chama atenção para o caráter metafórico da história ou é a própria metáfora do texto verbal.

De forma lúdica o professor consegue trabalhar esse tipo de linguagem apresentando característica vinculada no aspecto cultura, possibilitando aos alunos de forma crítica terem condições de perceber e de ampliar as possibilidades de interpretação do texto. Pedagogicamente de acordo com o autor José Gregorin (2009, p. 65), o professor pode explorar a linguagem não verbal dos livros literários como forma de promover uma prática de ensino para medir a aprendizagem dos alunos que apresentam dificuldades em interpretar textos literários verbais. O autor exemplifica como: “explorar nas ilustrações a postura, os gestos e expressões dos personagens e outros elementos estruturais da narrativa, explorando os valores destinados de caráter social e cultural, acrescentando novos significados ao texto verbal.”

A linguagem não verbal apresenta textos que visualmente é construído de tal modo que a atenção do leitor se volta para a maneira como a ilustração foi realizada, os materiais e as técnicas nela utilizados é bastante frequente. A autora Regina Zilberman (2003) aborda que ludicamente, a linguagem não verbal tem a função em que a própria ilustração pode se transformar numa forma prazerosa de interpretações e de imaginações por parte do leitor, contribuindo para as definições e para o entendimento do texto verbal, auxiliando como explicação do texto verbal de maneira criativa e motivadora. A autora ainda afirma:

A linguagem não verbal promove a interação do leitor com a obra. Apontando caminhos e deixando algumas escolhas para que o leitor no seu caminhar pela obra, consiga interpretar o contexto literário. Toda essa hipertextualidade tem ganhando terreno nos livros de papel, modificando a maneira de conceber a estrutura textual. (ZILBERMAN, 2003, p. 148)

Assim, uma boa maneira de utilizar a linguagem não verbal como recurso pedagógico, seria o professor dialogar com o aluno sobre as relações entre linguagens que compõem a obra e desta forma os jovens ampliarão o seu conhecimento sobre as múltiplas linguagens construtoras dos diversos textos nos quais a sociedade está imersa.

Portando de acordo com José Gregorin (2009) “um leitor plural não é somente aquele que consegue ser eficiente na leitura da linguagem verbal em norma culta”. Nesta perspectiva, um aluno leitor é aquele que consegue ler e traduzir as diferentes linguagens presentes nos diferentes textos veiculados na sociedade.

#### **4. AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTOJUVENIL NO DESENVOLVIMENTO DA FORMAÇÃO LEITORA DOS ALUNOS.**

##### **4.1 A importância da literatura infantojuvenil para formação de alunos leitores**

A literatura infantojuvenil é repleta de fantasias e alegorias de todos os tipos, caracteriza-se por ser dedicada especialmente às crianças e jovens adolescentes, ela é produzida especialmente e não exclusivamente para esse público. Porém, segundo Gloria Souza (2006) os livros literários infantojuvenil são facilmente desprezados pelos adultos, isto justifica pelo fato que apesar da riqueza de detalhes, da criatividade, do cuidado estético e das diversas camadas interpretativas que um livro infantojuvenil pode apresentar, ele dificilmente é considerado um cânone e assim pouco valor dão a ele.

Teoricamente, formar sujeitos leitores é a maior preocupação de todas as áreas educacionais.

Formar leitores é algo que requer, condições favoráveis para a prática de leitura, que não se restrinjam apenas recursos materiais, pois, na verdade, o uso que se faz dos livros e demais materiais impressos é o aspecto mais determinante para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura. (MELENDES; SILVA, 2008, p.3).

Assim, a literatura deve ser levada para a sala de aula como uma proposta didática diversificada, que não perde a sua natureza lúdica jamais, porque isso deve ser compreendido como estratégia primordial da obra para seduzir o aluno e conduzi-lo em suas tramas, de modo interativo e dialógico. As inúmeras possibilidades de leituras e perspectivas propiciam identificação do leitor com a obra e por isso são capazes de, emocionar, ensinar. Os textos literários não devem ser trabalhados de forma secundária, e propostos como atividade didática aleatória.

Segundo Maria Dinorah (1995, p.126), “existe uma grande necessidade de ter uma biblioteca na escola, que possa possibilitar ao aluno o contato com bons textos”. Em função de se promover e disseminar o hábito da leitura com jovens é necessária uma grande quantidade de textos literários à disposição dos alunos, para que seus horizontes de leitura sejam ampliados, bem como, de mundo.

Nelly Coelho (2000) aborda em suas pesquisas que a função do professor bem sucedido se confina ao papel de propagandista persuasivo de um produto. A leitura de textos literários está em crise na atualidade, pois existe, uma oferta muito grande de vários gêneros textuais, como: blogs, e-mails, sites e tantos outros. Conforme PEREIRA (2008 p. 56), “os gêneros textuais são estruturas dinâmicas moldadas a partir das necessidades discursivas dos interlocutores. Sua criação e mudança estão atreladas às mudanças sociais e culturais”. Na contemporaneidade os jovens já são envolvidos com inúmeras tecnologias e o livro de papel, que costumava ser seu primeiro contato com a leitura, muitas vezes não o é mais. Neste sentido, pode-se perceber um novo processo de formação de leitores.

Nesta perspectiva, ZILBERMAN (1985, p.21) destaca a importância de trazer de volta a prática da leitura para a sala de aula, pois isso significa “resgatar a função primordial da leitura, buscando assim, sobretudo, a recuperação do contato do aluno com a obra de ficção”. Ainda que para esse contato sejam utilizados os novos gêneros textuais como aliado nesse processo. A literatura é um ato de criação, sendo considerada, portanto, como linguagem artística de representação da realidade. Sobre o tema, assevera Maria Martins que:

[...] a obra literária tem muitos recursos, que encantam e seduzem o leitor, pelo ritmo, imagens, figuras que recria, apontando para as coisas que estão no cotidiano mas não são vistas, levantando possibilidades, contrastando posições, sob a forma cativante da história, em que a vida desfila ante nossos olhos, nas aventuras e situações com que muitas vezes nos identificamos. (MARTINS, 1994, p. 22-23)

Desta forma, a leitura é um desafio de democracia e de cidadania, da formação do aluno cidadão leitor, e isso vai além das paredes da escola. Porém, a escola é uma etapa muito importante nesse processo. Ela é também instrumento para a participação do aluno, nas discussões da comunidade política. Nas últimas décadas, as discussões sobre a leitura aumentaram consideravelmente, circulando em reportagens, congressos, no ambiente acadêmico entre outros. Apesar disso, o trabalho com a formação de leitores não tem alcançado a eficácia necessária.

Ler é condição necessária para a cidadania, contribuindo na participação social, para o acesso as informações que circulam das mais diversas maneiras, assim como para ingressar no mundo do trabalho. No entanto, mesmo diante de sua relevância, a leitura ainda é praticada por um número muito pequeno.

O problema do ensino da leitura na escola ocorre na própria conceitualização do que é a leitura, na forma com que é avaliada pelos professores, no papel que ocupa na Proposta Pedagógica da Escola e nas práticas pedagógicas que são adotadas para ensiná-la. Pesquisas internacionais sobre qualidade do ensino revelam que a educação de qualidade é aquela em que os alunos aprendem o que é necessário para que possam vir a integrar-se e ter sucesso na sociedade de informação e tecnológica. De acordo com a obra *Psicanálise dos Contos de Fadas*, o psicólogo infantil, Bruno Bettelheim, diz que:

Para dominar problemas psicológicos do crescimento, como: decepção, narcisismo, complexo edipiano, rivalidade fraternal, e outros, a criança precisa entender o que está passando dentro de seu “eu” consciente para que também possa enfrentar o que se passa em seu “eu” inconsciente. Nesse contexto, os “contos de fadas” desempenham um papel importante na formação do caráter dos leitores, pois tratam de temas polêmicos de maneira sutil, entretanto, sem omitir totalmente a crítica. ( BETTELHEIM, 2002, p. 120)

Assim, o ato de ler pode representar não apenas uma condição intelectual, mas também uma condição de libertação, a de poder ser um leitor mais autônomo e crítico de qualquer texto, em várias linguagens, do mundo que o rodeia, ou de mundos diferentes do seu. É ter consciência dos processos que interferem na sua existência como ser social e político. O indivíduo só é capaz de fazer uma leitura permanente do mundo, quando consegue captar o que se apresenta através do dinamismo deste mundo para nele interferir e atuar, sentindo-se, então, motivado para a leitura da palavra.

Aprender a ler não é uma atividade natural, para a qual o aluno se capacita sozinho. Entre livros e leitores há importantes mediadores. E o mediador mais importante é o professor,

presença fundamental na história de cada um dos alunos. A aparente ingenuidade das obras infantojuvenil é, na verdade, um artifício para apresentar questões importantes e complexas de forma compreensível aos jovens leitores, uma vez que leem o mundo a partir de um raciocínio diferente, mas não menos eficaz, do raciocínio de um adulto.

Dessa forma, é perceptível que um livro infantojuvenil não é necessariamente menos elaborado, menos intrigante, menos crítico do que um livro voltado para um público restritamente adulto. A diferença está apenas na forma de abordagem.

A leitura é ferramenta essencial para a prática profissional do docente, por isso o professor precisa revelar-se um leitor que seja referência para seus alunos. Cabe ao professor o papel de desenvolver no aluno o gosto pela leitura através de uma aproximação significativa com os livros. Cada professor, de acordo com sua história de leitura e as necessidades de seus alunos, tem condições de avaliar o melhor caminho a ser traçado. Porém, para que haja êxito na formação do leitor, é preciso efetuar uma leitura estimulante, reflexiva, diversificada, crítica, ensinando os alunos a usarem a leitura para viverem melhor.

O gosto pela leitura é despertado pelo próprio entusiasmo do professor que incentiva o aluno a aproximar-se dos livros. Ou seja, segundo Irene Machado (1993) “para formar leitores, é preciso que o mediador desse processo se interesse por livros de tipos variados e que compartilhe suas descobertas e aprendizagens”. Para facilitar a formação de leitores, é necessário que o professor se apresente como leitor, atualizado e participante. É fundamental que os alunos vejam seu professor envolvido com a leitura e com o que se conquista através dela. Observar um professor seduzido pela leitura pode despertar o desejo de fazer o mesmo. O professor no trabalho com a leitura, segundo Gloria Souza:

“É aquele que apresenta o que será lido: o livro, o texto, a paisagem, a imagem, a partitura, o corpo em movimento, o mundo. É ele quem auxilia a interpretar e a estabelecer significados. Cabe a ele criar, promover experiências, situações novas e manipulações que conduzam à formação de uma geração de leitores capazes de dominar as múltiplas formas de linguagem e de reconhecer os variados e inovadores recursos tecnológicos, disponíveis para a comunicação humana, presentes no dia-a-dia.” (SOUZA, 1998, p.24)

Portanto, o educador deve saber o quanto sua prática e ação em sala de aula são importantes e que sua mediação motivará ou não o aluno à prática da leitura. O primeiro passo para a formação do hábito da leitura na escola diz respeito à seleção de material, que deve servir para informação e recreação, e não ser imposto como obrigação, uma vez que a passagem pela escola, muitas vezes, é a única oportunidade que o aluno tem de entrar em contato com a leitura.

Nesse espaço, o professor é um dos maiores responsáveis por desenvolver a prática da leitura em seus alunos, fornecendo-lhes livros e outros materiais de leitura, indicações bibliográficas, abrindo-lhes, enfim, o universo da leitura. Há que se refletir também sobre o papel da escola na sistematização e utilização das múltiplas linguagens. A leitura, portanto, oferece aos alunos oportunidade com o lúdico em despertar a atenção, do raciocínio, da criatividade e permite um contato autêntico com a escrita. O prazer proporcionado pelo livro de literatura se dá quando o autor cria uma boa história, que seduz o leitor, sobretudo pela reprodução de imagens.

Os educadores devem eleger o livro de literatura como o preferido no incentivo à prática da leitura, apresentando características de uma atividade prazerosa. Isto se deve à relação mantida entre o leitor e o texto, mostrando interação com as ideias do autor, possibilitando, dessa forma, ao leitor criar seu próprio texto a partir do que foi exposto pelo idealizador da obra. Assim, o leitor passa a construir, ou não, uma realidade imaginária de acordo com suas vivências, à medida que consegue construir seu texto a partir da leitura da obra literária.

A literatura infantojuvenil, portanto, pode ser uma aliada para a formação do leitor crítico e criativo que buscará as informações disponíveis nos meios escritos (jornais, revistas e livros), fazendo uma relação do que foi lido com a realidade vivenciada por ele, e conseqüentemente a reconstrução de um novo texto, bem como, ajudará na formação e aperfeiçoamento da escrita e da oralidade.

Diante do que já foi abordado nos capítulos anteriores, percebe-se que a literatura infantojuvenil juntamente com a ludicidade presente nas narrativas, mostra-se um recurso importante nas práticas pedagógicas do professor, mas será que de fato os professores reconhecem as contribuições que esta literatura pode fornecer ao desenvolvimento dos alunos? Será que realmente os docentes utilizam em sua prática pedagógica as potencialidades do lúdico? Consideram-se os professores leitores? Como eles apresentam ao seu público a literatura infanto-juvenil? Eles se preocupam em transmitir os protocolos de leitura de maneira prazerosa, que envolva os alunos? Eles elaboram projetos de leituras, utilizando como estratégias as lições dos especialistas em leitura? Como são conduzidas as aulas do ensino fundamental II por professores da rede educacional de Caetité?

Para de fato verificar essas questões, o próximo capítulo analisará um conjunto de perguntas fitas a professores da rede municipal de educação de Caetité. O objetivo é tentar entender como os docentes atuam em sua prática diária de ensinar a leitura a jovens com recursos disponíveis a um mundo que lhes solicitam incessantemente a prática leitora. Foram investigados professores que lecionam nas séries do 6º ao 7º ano do ensino Fundamental II.

## **5. ANÁLISE SOBRE METODOLOGIA APLICADA**

### **5.1 As práticas pedagógicas com literatura infantojuvenil**

A pesquisa para análise de dados foi primeiramente bibliográfica. Com base nos recursos disponíveis por autores que versam sobre o tema leitura, elaboramos um questionário e aplicamos a professores do município de Caetité. Os autores Nelly Coelho (2000), Maria Dinorah (1995), Lúcia Góes (1998), José Gregorin (2009), Marli Santos (2007), Glória Souza (2006), Regina Zilberman (1998) e Richard Bamberguerd (2000) contribuíram teoricamente com conceitos importantes que foram abordados nos capítulos anteriores, como o percurso histórico da literatura infantil e juvenil, a importância da ludicidade, as contribuições da literatura infantojuvenil na formação de alunos leitores e na prática pedagógica, onde será abordado neste último capítulo.

O segundo método foi uma pesquisa em campo, com professores de Língua Portuguesa, do município de Caetité, sendo cinco do ensino municipal, cinco da estadual e cinco da rede particular. A pesquisa foi realizada, através de um questionário com quinze questões abertas e uma fechada. Os docentes receberam no mês de agosto tendo data como entrega o mês de outubro. Após este período de devolução, foram feitas análises das respostas dadas pelos professores entrevistados.

Portanto, para conseguir analisar as respostas dos docentes, o capítulo 5 contará com a fundamentação de autores como Alonso Tapia e Enrique Fita (2006), Vera Aguiar (2001), Regina Zilberman (1990), Richard Bamberg (1988) e Santa Marli Santos (2007), que apresentam informações sobre as práticas docentes com a literatura infantojuvenil, além de abordar como essas práticas pedagógicas contribuí no desenvolvimento da leitura dos alunos.

Assim fica evidente que a literatura deve estar presente na formação do jovem. Para que as descobertas desse universo sejam significativas, o professor terá que conseguir criar métodos pedagógicos diferentes, que possam ajudar nesse processo de ensino. Para Regina Zilberman (1990)

A literatura pode inclusive atuar como um meio de reorganização da vida interior e exterior a partir do momento em que aciona a fantasia e suscita um posicionamento intelectual pela capacidade que o texto possui de representar o mundo, ainda que seja sob uma ótica da invenção, produzindo capacidades de reconhecimento em quem lê ou ouve a narrativa. (ZILBERMAM, 1990 p. 118)

Nesta perspectiva, a literatura conduzirá o aluno a percorrer através da imaginação diferentes fatos da vida pessoal. A formação de alunos leitores é algo fundamental. A inserção da leitura propicia um melhor desenvolvimento no leitor, seja na oralidade, na escrita, na formação de leitores críticos, na percepção de mundo, no convívio social e pessoal. E esse processo de formação de alunos em conjunto com a literatura visa em um trabalho desafiador, pois é necessário formar alunos leitores fluentes capazes de interpretar, questionar, analisar e compreender o que está escrito, explícito e ou implícito no texto.

Atualmente, um dos grandes desafios enfrentados pelos professores, em sala de aula, é quando se deparam com alunos desmotivados a aprender o que lhes é ensinado. Para Alonso Tapia e Enrique Fita:

A motivação está ligada à interação dinâmica entre as características pessoais e os contextos em que as tarefas escolares se desenvolvem. A aprendizagem do aluno depende do contexto e do estímulo dado pelo professor. E, ainda, conforme os autores supracitados, a palavra contexto ao qual se refere é a forma como o professor começa sua aula, como organiza as atividades, como se dá a relação professor-aluno e a avaliação da aprendizagem. (TAPIA E FITA, 2006, P.8)

Os professores devem trabalhar a oralidade, a tradução das imagens que cercam a leitura, a capacidade de escutar entre outros aspectos relevantes para contribuição do processo de desenvolvimento como leitor. E a escola que tem a relevância de se ter um ambiente com materiais didáticos, variedades de livros infantojuveíl, acessibilidade para que possam explorar toda a magia que a literatura propicia, é também elemento fundamental na construção de alunos leitores.

É na prática pedagógica que se desenvolve a fantasia, imaginação, formulação de ideias, estimula a atenção, a observação, memória, reflexão. Mas todo esse trabalho só é realmente significativo quando o professor tem entusiasmo e busca maneiras diferentes de englobar literatura infantojuvenil com os jovens, diariamente.

O professor deve ser um leitor assíduo, mostrar interesse pela leitura, conhecer as diferentes etapas de desenvolvimento, fazer escolhas apropriadas para a idade do aluno, disponibilizar livros diferentes, fazer leitura em voz alta, relatar histórias, apresentar livros, nomes de autores. Richard Bamberger enfatiza o papel do professor dizendo que:

O professor deve ser o motivador para que ler seja um momento que tenha alegria para praticar as habilidades, prazer da atividade intelectual e domínio da habilidade mecânica. Se o professor responder a essa motivação com material de leitura fácil, emocionante, apropriado ao grupo de idade

específico, e desenvolver esse primeiro material com livros de dificuldade crescente, as crianças se tornarão bons leitores. Um bom leitor gosta de ler.( BAMBERGE, 1988, p.32)

Ao professor cabe despertar o “adormecido” no prazer pela leitura de maneira que motive seu aluno, deixando de lado que ler é uma simples obrigação. Disso decorre o papel primordial da inserção e valorização da literatura infantojuvenil como uma ferramenta eficaz para que o professor faça um trabalho que leve a leitura a uma ação significativa na formação do leitor. Implica em todo o desenvolvimento que o professor dará a consolidação desse processo, a literatura exerce uma tarefa a ser cumprida socialmente, num papel transformador, seja na formação de leitores, no convívio natural entre leitor.

Avaliando essas contribuições, o professor deve aprimorar e valorizar suas aulas, envolvendo o aluno com práticas lúdicas, prazerosas em sala de aula para que ele possa despertar na criança quando adulto um leitor competente, que não veja o momento de leitura como obrigação. Nesse sentido, Vera Aguiar (2001, p.134) salienta que “formar leitores é tarefa complexa que desafia professores, bibliotecários e educadores em geral, especialmente nesta época tão dominada pelos meios de comunicação de massa, sobretudo pela televisão.”

O professor conhecendo os processos, respeitando as faixas etárias, desenvolverá práticas de leitura que motivará os alunos a ler, despertará interesses pela leitura. Para que todo esse sucesso almejado aconteça, é preciso também que nas salas tenham espaços como “cantinho de leitura”, “projetos literários”. Cabe também ao professor ter conhecimento de que criatividade e motivação são fundamentais, é importante enfatizar o lúdico para que seja bom o desempenho das práticas propostas e que consiga alcançar o que se espera da criança.

Os Cursos de Formação de professores devem valorizar a ludicidade como uma ferramenta metodológica imprescindível para o melhor desempenho dos educadores em sua ação pedagógica. De acordo com Santa Marli Santos (2007, p.12), “a ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão”. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento.

O contato com o mundo literário, ao ouvir, manusear o livro pode despertar um interesse que contribuirá com a formação enquanto leitor e dará uma visão mais ampla do meio em que está inserido. Na escola, a aprendizagem ocorre de forma estruturada e organizada visando ao desenvolvimento mental e físico dos indivíduos envolvidos no processo. Portanto, a

transformação que ocorre no cotidiano desses indivíduos é o resultado de que assimilaram o conhecimento.

Despertar nos alunos apreço em relação aos textos literários fora do ambiente escolar se torna mais viável se esse contato ocorrer adequadamente na escola, pois o manusear desses textos ocorre dentro de um contexto de aprendizagem e apreciação estética organizada. Para isso, são imprescindíveis a vontade e esforço do professor, pois é necessário que se modifique positivamente a visão e o valor que a comunidade escolar da maioria das escolas tem em relação às atividades relacionadas à literatura.

Segundo a autora Nelly Coelho (2000), quando o aluno percebe que existe um ambiente de liberdade e respeito naquele local de trabalho na sala de aula que ele pode perceber o texto literário como um produto cultural com o qual interage de forma significativa. A formação de um ambiente de trabalho que possibilite a intervenção dos alunos na aula e no próprio texto literário é responsabilidade do professor.

Muitos professores de língua portuguesa acusam o tempo restrito das aulas como o grande obstáculo para a realização satisfatória do trabalho com as literaturas, embora declarem que acreditam no potencial das atividades propiciadas por elas e na sua eficiência como ferramenta que contribui para o desenvolvimento cognitivo e psicológico dos alunos, bem como, na formação de leitores críticos reflexivos.

A importância do ler e escrever chega, então, por diversos meios, aos professores das diferentes áreas para que reflitam sobre suas práticas e promovam um novo esforço em direção à leitura e à escrita como conhecimentos privilegiados pela sociedade. Destaca-se a importância do trabalho com a leitura nas mais diversas áreas e não apenas na disciplina de Língua Portuguesa, pois os professores da escola participam da mesma grande tarefa: a formação de novos cidadãos para um mundo cada vez mais exigente quanto à qualidade da leitura.

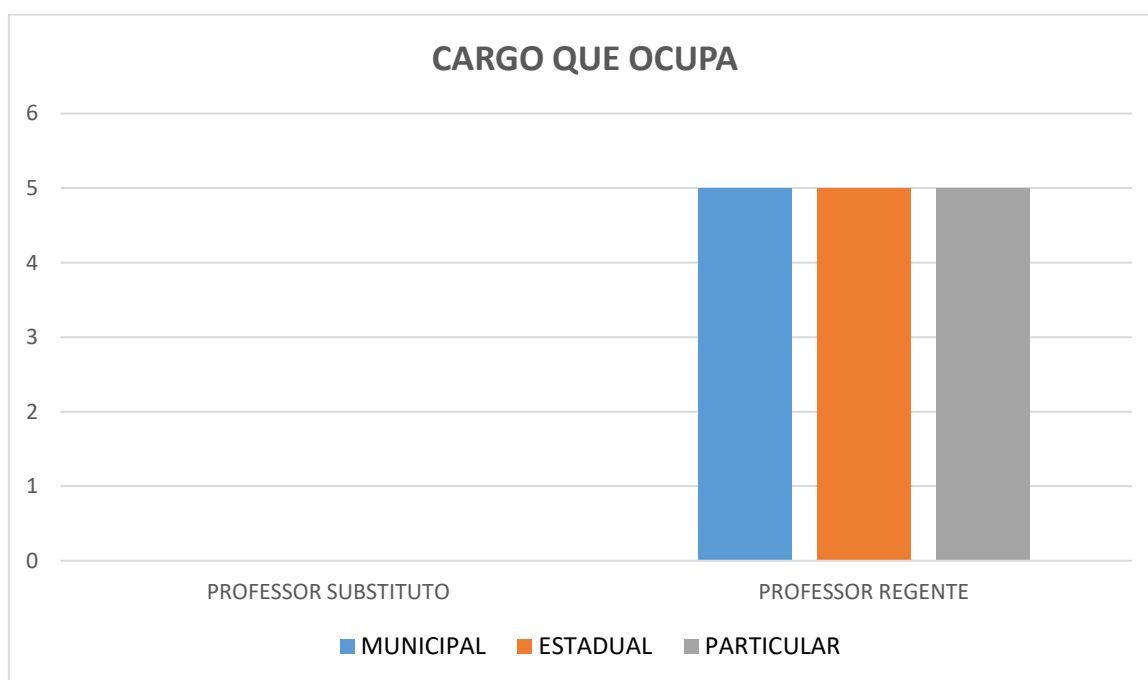
Assim, professores de todas as áreas, ao invés de afirmarem que os alunos não têm o hábito da leitura, devem dedicar-se a proporcionar muitas oportunidades para que todos descubram que ler é uma atividade muito interessante, que a leitura proporciona prazer, diversão, conhecimento, enfim, uma vida melhor. Essas oportunidades terão de ser tantas quantas forem necessárias para que o aluno passe a gostar de ler e, por isso, sinta a necessidade da leitura e que esta se torne prática.

## **5.2 Análise de dados**

A Análises de dados foi realizada para poder identificar, se os professores das redes de ensino, estão utilizando em suas práticas pedagógicas a literatura infantojuvenil, ao saber do lúdico, para o desenvolvimento da leitura dos alunos do ensino fundamental II. O questionário foi elaborado com dezesseis questões, sendo quinze questões fechadas e uma questão aberta.

Na questão aberta, o professor livremente iria responder seu ponto de vista sobre a importância da literatura infantojuvenil na formação de alunos leitores. As questões fechadas estão sendo representadas através de quinze gráficos, desta forma facilita o procedimento de análise e a compreensão das respostas dadas. Através desse questionário, encontraremos respostas que ajudaram chegar a conclusão final desse trabalho.

### GRÁFICO 1: Especificação do Cargo que ocupa

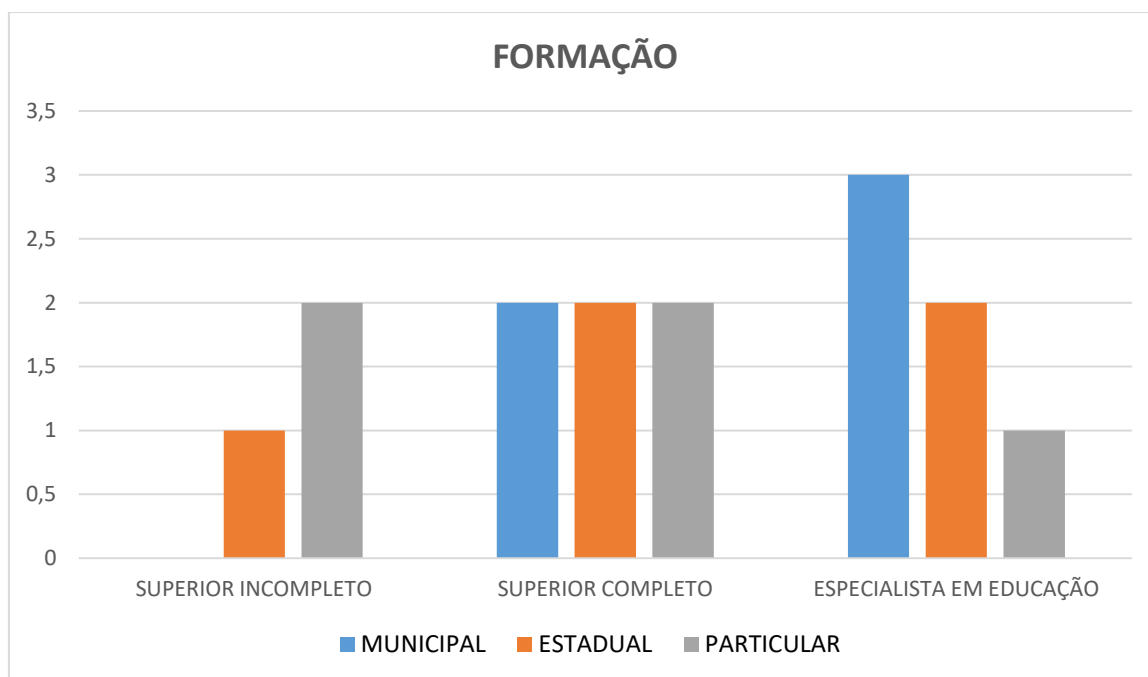


**FONTE:** Elaborado pela autora

Conforme o Gráfico 1 apresenta, fica evidente que a pesquisa foi realizada na rede de ensino municipal, estadual e particular, sendo todos professores entrevistados com cargos de regentes das turmas que lecionam. Segundo a autora Irene Machado (1993), é de grande importância que o professor de uma turma exerça seu cargo desde o início até o final das aulas letivas de um determinado ano, desta forma o professor consegue fazer um acompanhamento pedagógico do desenvolvimento dos seus alunos. Se em uma parte do período letivo ocorrer a substituição de professor, percebe-se um impacto no conhecimento do aluno que pode ser tanto

positivo como também negativo, vai depender de como o professor substituto utiliza os meios pedagógicos para seguir o trabalho da professora anterior.

## GRAFICO 2: Especificação da formação



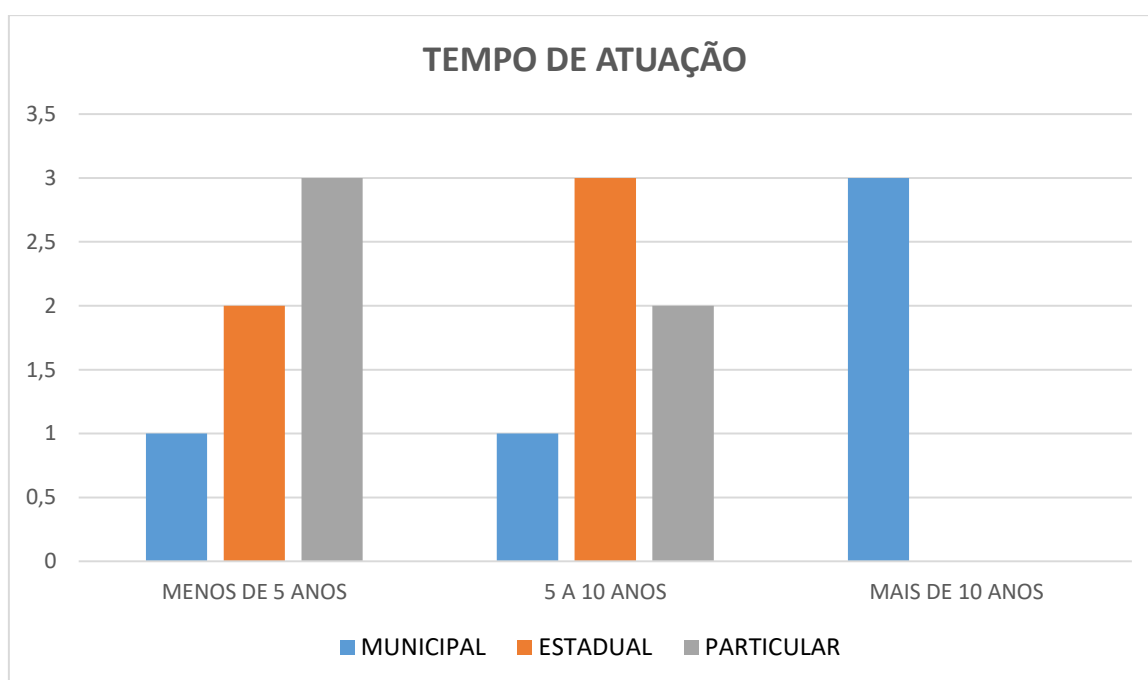
**FONTE:** Elaborado pela autora

O Gráfico 2 representa a especificação da formação dos professores entrevistados. Analisando os dados, 3 professores estão com nível superior incompleto, 6 professores com nível superior completo e 6 professores com especialidade em Educação. Nota-se que apesar das facilidades que hoje temos, no acesso a uma instituição de ensino superior, ainda existem professores que por comodismo ou até mesmo a falta de interesse, não buscam o aperfeiçoamento.

Nos dados identifica-se que uma das professoras da rede de ensino estadual informa ter o nível superior incompleto. Hoje sabemos que para exercer este cargo é feito uma seleção sendo ela um concurso efetivo ou Reda e ao analisar os documentos solicitados pelo concurso é exigido o curso superior completo com certificado ou diploma. Assim sendo, percebe-se que alguns anos atrás, para exercer o cargo de professora estadual, era preciso também passar em um processo seletivo, porém o professor que apenas tivesse a formação do magistério, estaria habilitado para exercer o cargo de professor do ensino fundamental II.

Nos dias atuais em consequência da maior valorização da educação, os sistemas de ensino do país têm passado por profundas mudanças, e um dos temas frequentemente discutidos faz referência à formação de professores. Santa Marli Santos (2007 p.215) “compreende a formação de professores como um contínuo fundamental em suas vidas, e recomenda que a formação docente se volte para o desenvolvimento pessoal do profissional”. Sendo assim, nos cursos de formação docente, mais do que estimular este profissional no acúmulo de conteúdos e técnicas, deve-se estimulá-lo a ser um indivíduo reflexivo e crítico de sua ação.

**GRAFICO 3: Tempo de atuação como docente**

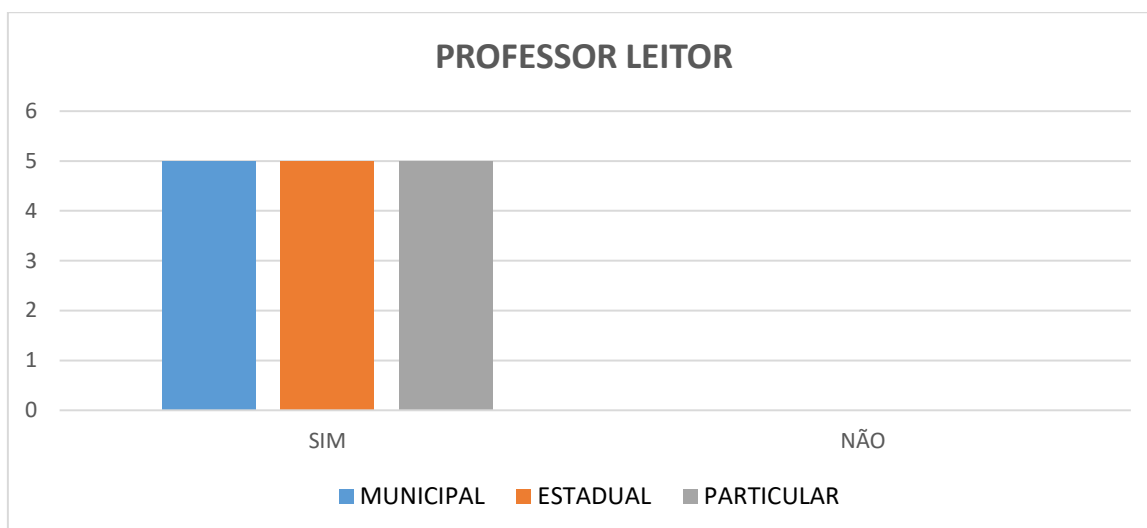


**FONTE: Elaborado pela autora**

No Gráfico 3; dentre os docentes entrevistados, 4 atuam há menos de cinco anos, 5 atuam de cinco a dez anos e 6 atuam há mais de dez anos como docente. Ou seja, a maioria dos professores entrevistados apresentam um tempo razoável de experiência na área como docente. A experiência docente é fundamental na construção dos saberes dos professores, pois, segundo Richard Bamberguerd (2000 p. 200), “esses saberes são construídos no processo histórico da formação do profissional”. Portanto, é no cotidiano que os saberes são consolidados.

Com os anos de experiência o professor demonstra uma segurança no agir, clareza diante dos objetivos, sabendo se posicionar diante as diversidades da sala de aula, pois todos os anos de trabalho efetivo em sala de aula têm mostrado a ele um caminho seguro a ser seguido.

**GRÁFICO 4: Você se considera um professor leitor**

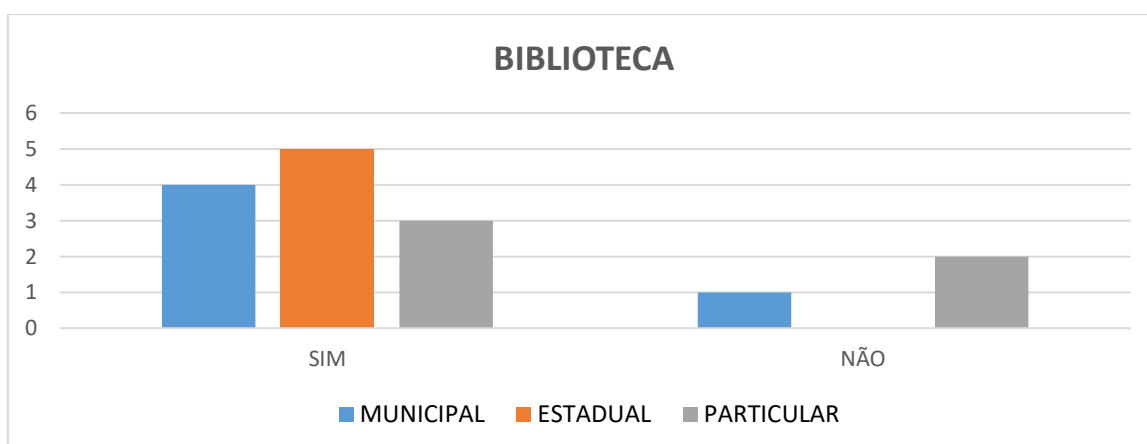


**FONTE: Elaborado pela autora**

No Gráfico 4 foi evidenciado que todos os professores se consideram professores leitores, levando em consideração que professores leitores podem fazer com que os alunos experimentem na leitura um prazer idêntico ao seu.

A mediação desses professores leitores facilitará seu trabalho, pois conhecem a importância de se ler e de ter propósitos claros, específicos, fazendo com que o aluno usufrua das obras literárias, da capa até o final, no qual são procedimentos que leitores devem aprender estimulando atitudes comuns de pessoas que gostam de ler, fazer indicações literárias, seguir autores, fazendo assim que seus alunos desenvolvam os comportamentos leitores.

**GRÁFICO 5: Na escola em que você trabalha possui biblioteca**

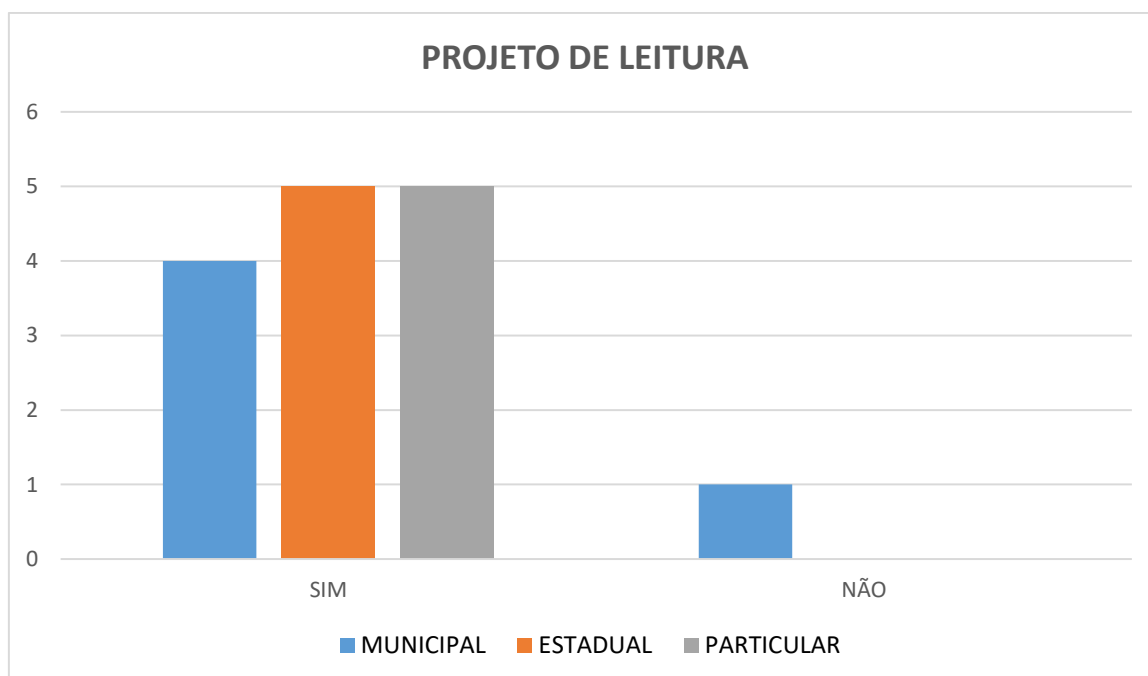


**FONTE: Elaborado pela autora**

Através do Gráfico 5, percebe-se que 3 professores, sendo eles do ensino particular e municipal não possuem bibliotecas, que é um fator importante para contribuir no desenvolvimento da formação leitora. A biblioteca tem um grande significado no que diz respeito ao ensino-aprendizagem da leitura e no incentivo a leitura, pois a biblioteca escolar, de acordo com Nelly Coelho (2000) é considerada como centro cultural de apoio aos professores e alunos. Muitas coisas utilizadas pelos professores em sala de aula devem ser buscadas na biblioteca: mapas, revistas, jornais, livros, jogos, música, enfim, a biblioteca deve ser o coração da escola onde professores e alunos tenham acesso contínuo aos livros e textos, para que os alunos utilizando a biblioteca comecem a ter gosto pela leitura.

Portanto, cabe a esses três professores buscarem outras alternativas para que seus alunos possam ter acesso ao contato com os livros. Ou seja, a cidade de Caetité é contemplada com diversas bibliotecas que apresentam um grande acervo de livros diversificados, o professor tem total liberdade de planejar aulas de campo com visitas nas bibliotecas da cidade, como também incentivar seus alunos a irem nas bibliotecas. Desta forma os alunos terão o acesso aos livros, melhorando assim o desenvolvimento da sua leitura.

#### **GRÁFICO 6: Projeto de leitura nas escolas**

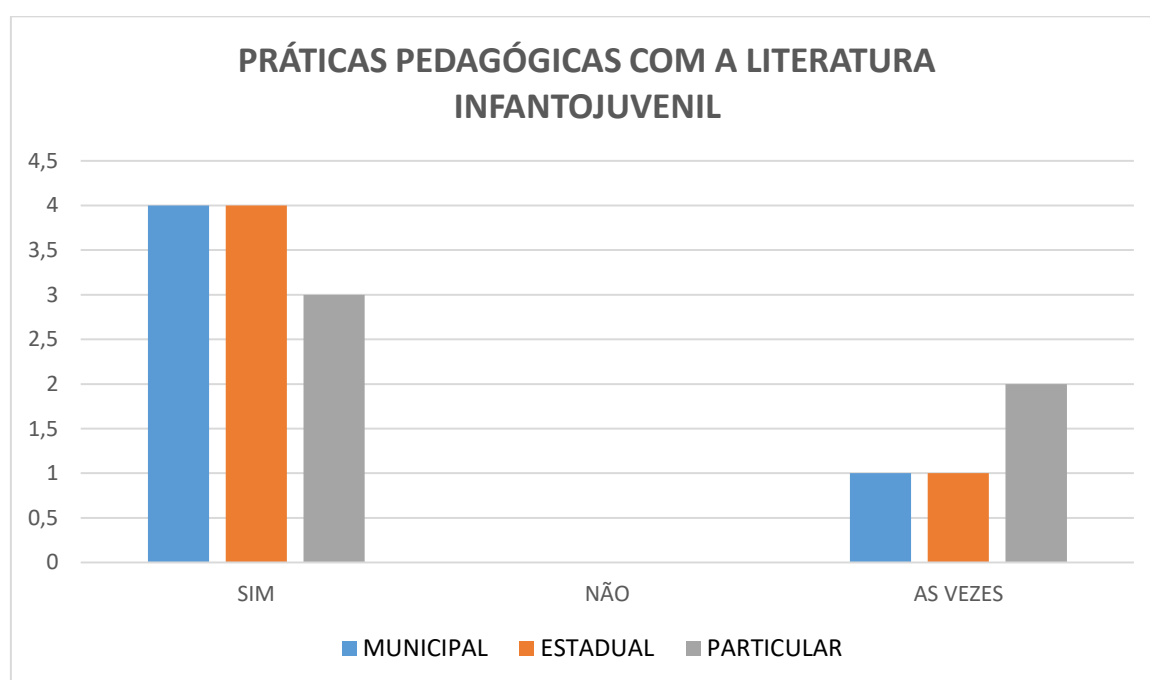


**FONTE: Elaborado pela autora**

O gráfico 6, deixou nítido que apenas 1 escola, sendo ela municipal não existe um projeto de leitura. Os projetos desenvolvidos nas escolas são ferramentas eficazes no trabalho para desenvolver hábitos leitores que possam envolver os alunos, a comunidade escolar e pais visando a formação de alunos leitores e oportunizando trocas de experiências. Perante o que foi analisado, a escola em que esta professora diz não apresentar um projeto de leitura, faz parte das escolas que se enquadra no gráfico anterior que apresenta ter biblioteca. Ou seja, recurso para implantação do projeto tem, porém não se sabe o motivo do porque não se tem um projeto voltado para a leitura dos alunos, ou até mesmo fica o questionamento, o por que a própria professora não teve o interesse de criar um projeto, já que no gráfico 4 se considerou um professor leitor, mas não estimula o seu aluno a ser um leitor.

O projeto de leitura ajuda o aluno a querer conhecer, apoderar-se de bens culturais ainda guardados pela escrita, descobrir outros mundos, perceber e buscar outras leituras. Segundo Regina Zilberman (2003), o objetivo do projeto de leitura é a melhoria da aprendizagem, cuja ênfase se permeia principalmente a necessidade urgente de incentivar o aluno a fazer o uso da leitura de forma prazerosa e significativa. Nesta perspectiva, fica evidente a importância de um projeto de leitura nas escolas, para que os alunos possam desfrutar não só apenas de livros, como também diversos tipos de gêneros textuais.

### **GRÁFICO 7: Práticas pedagógicas com o uso da literatura infantojuvenil**

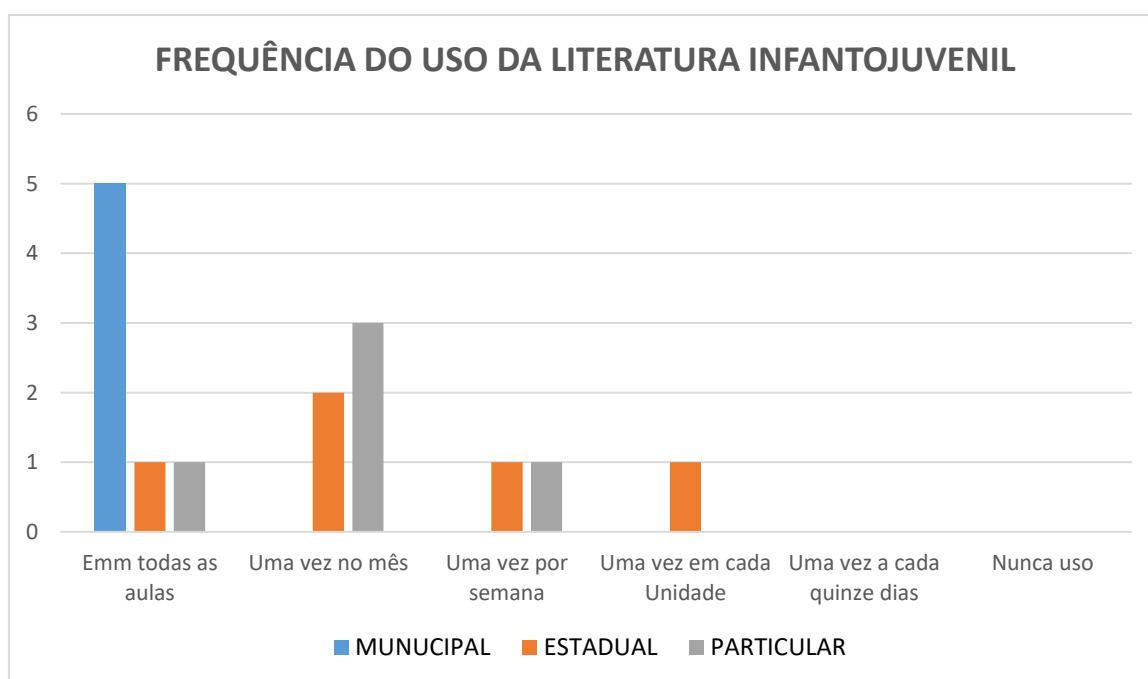


**FONTE: Elaborado pela autora**

O Gráfico 7 apresenta a quantidade de professores que utilizam em suas práticas pedagógicas a literatura infantojuvenil, observa-se que a maioria sendo representada por 11 professoras utilizam a literatura infantojuvenil nas suas aulas e apenas 4 disseram que utilizam as vezes.

Desta forma percebe-se que a maioria dos professores entrevistados demonstram conhecer a importância que a literatura infantojuvenil na formação de alunos leitores. Cabe ao professor saber como trabalhar com este tipo de literatura, para que seus alunos possam ter um desenvolvimento positivo e o principal o gosto pela leitura. Como vimos nos capítulos anteriores, não basta apenas entregar o livro para o aluno sem ao menos desenvolver um trabalho eficaz que embolva no mundo maravilhoso que faz parte dos livros Infantojuvenis.

### GRÁFICO 8: Frequência do uso da literatura Infantojuvenil



**FONTE: Elaborado pela autora**

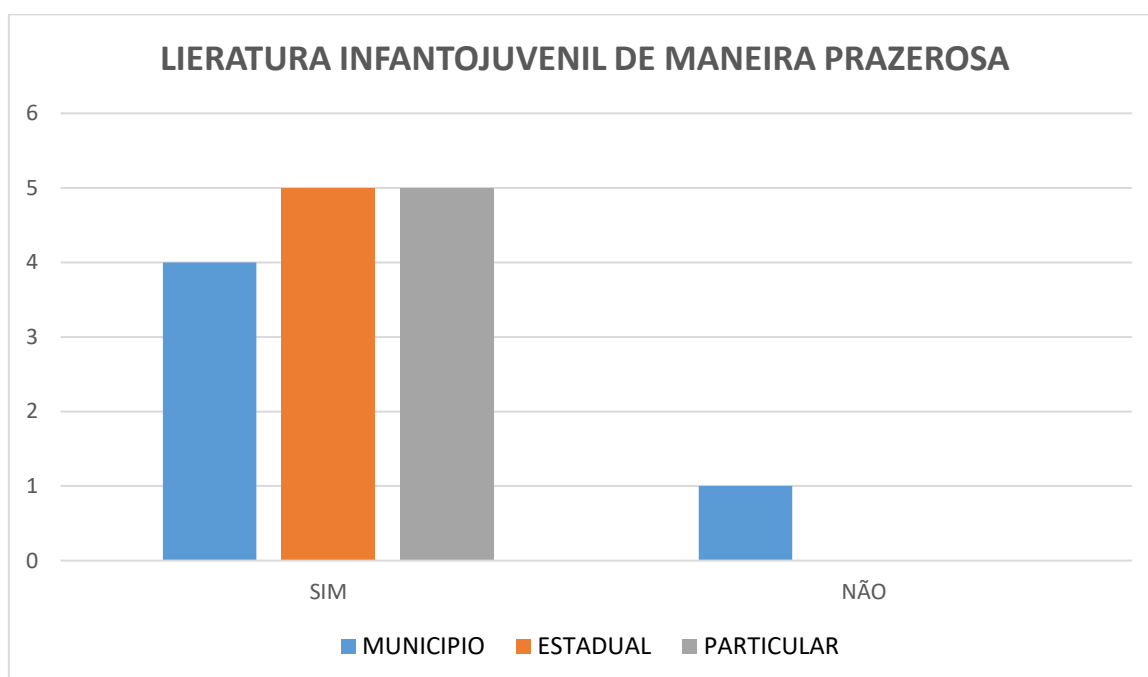
No Gráfico 8; fica evidente que apesar da maioria dos professores terem respondido que utilizam a literatura infantojuvenil em suas práticas pedagógicas representados no gráfico anterior, observa-se que a frequência deste uso é muito pouco. Pois, 2 professores responderam que somente utilizam esta literatura uma vez no mês, 10 professores utilizam uma vez por

semana, 2 professores utilizam uma vez em casa unidade e 1 professor uma vez a cada quinze dias.

Assim, percebe-se que a leitura melhora o aprendizado dos estudantes, pois estimula o bom funcionamento da memória, aprimora a capacidade interpretativa, pois mantém o raciocínio ativo, além de proporcionar ao leitor um conhecimento amplo e diversificado sobre diversos assuntos. Quem lê muito conversa sobre qualquer coisa, e consegue formar opiniões bem fundamentadas.

De acordo com Nelly Coelho (2000 p. 203), “a prática de leitura deve ser inserida diariamente na vida escolar dos alunos, pois assim eles saberão a importância que a leitura faz na vida de um ser humano”. Portanto, cabe aos professores não só apenas utilizarem a literatura infantojuvenil uma vez na semana ou até mesmo como foi respondido por uma professora uma vez a cada unidade, deve ser trabalhado diariamente para que o aluno possa desenvolver o hábito de ler.

**GRÁFICO 9: Literatura infantojuvenil inserida de maneira prazerosa**



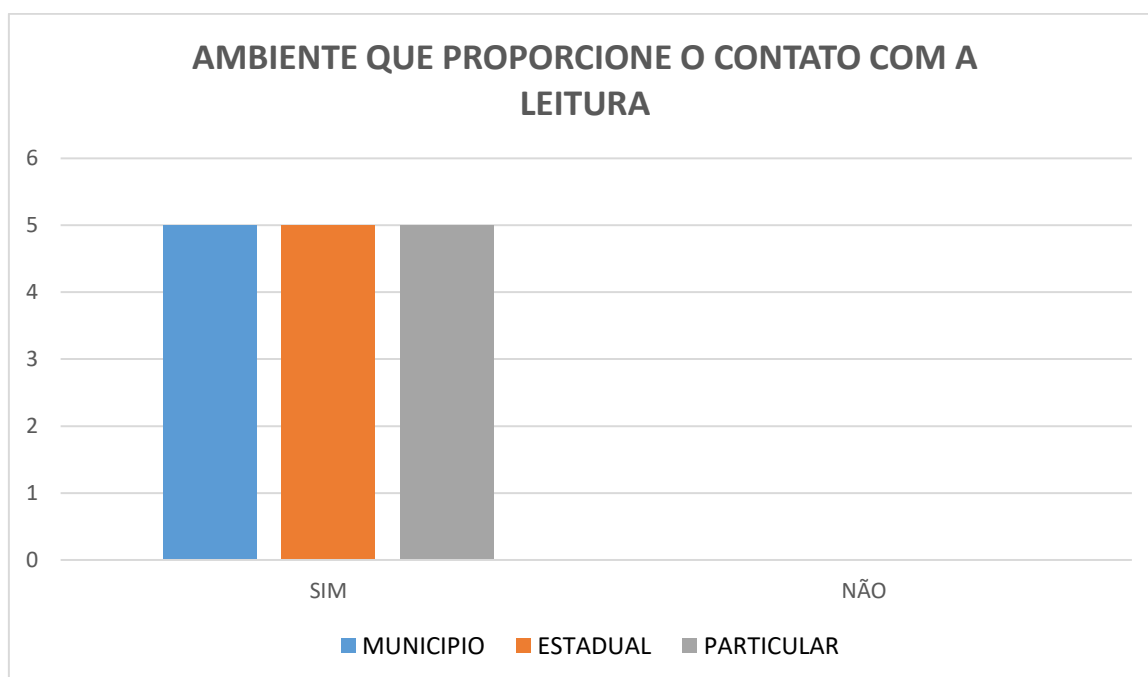
**FONTE: Elaborado pela autora**

No Gráfico 9, conforme apresentado, mostra que 14 professores trabalham de maneira prazerosa a inserção da literatura infantojuvenil e apenas uma professora da rede de ensino do município respondeu que não é inserida de forma prazerosa.

Analisando a resposta desta única professora do município, observa-se que existe uma certa frustração em relação a leitura em sua sala de aula, pois a mesma em outras respostas disse que sua escola não tem um projeto de leitura, desta forma a leitura não está sendo significativa na vida profissional deste professor, que mesmo dizendo ser um professor leitor, não busca métodos de leitura para serem utilizados em sua sala de aula.

A leitura é uma condição para dar voz ao ser humano, além de prepará-lo para torná-lo sujeito ao ato de ler. O ato de ler é um processo mental complexo e descontínuo que exige tempo e concentração. Assim, é na escola que esses conceitos devem ser reforçados, principalmente pelo educador, cujo papel é fazer com que a leitura seja um hábito diário na vida dos alunos, de forma a tornar-se uma atitude natural do indivíduo.

### **GRÁFICO 10: Ambiente que proporcione o contato com a leitura**

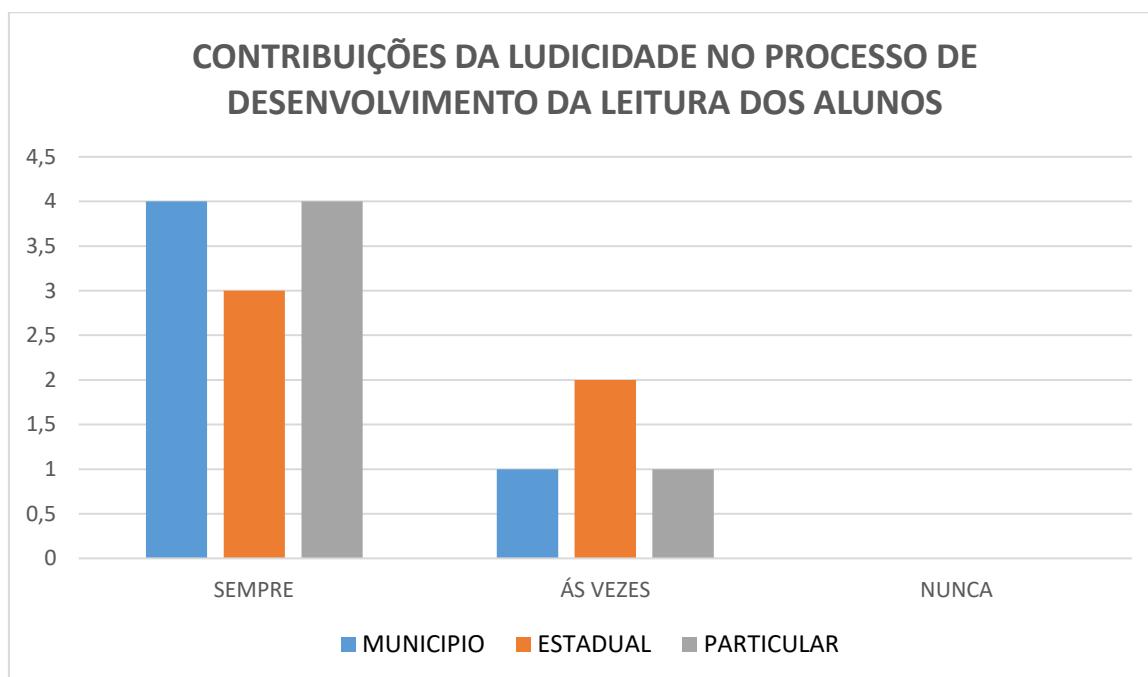


**FONTE: Elaborado pela autora**

No gráfico 10, todos os professores responderam que seus alunos possuem um ambiente que proporciona o contato com a leitura. Com esta resposta, identifica-se que além da biblioteca e os projetos de leitura, os alunos dos professores entrevistados também apresentam ter outras alternativas para desenvolver a sua leitura.

Este ambiente deve proporcionar um momento agradável, para que os alunos possam, de forma significativa, umentar o conhecimento, esse contato com os livros ajudará ainda a formular e organizar uma linha de pensamento.

**GRÁFICO 11: Contribuições da ludicidade no processo de desenvolvimento da leitura dos alunos**



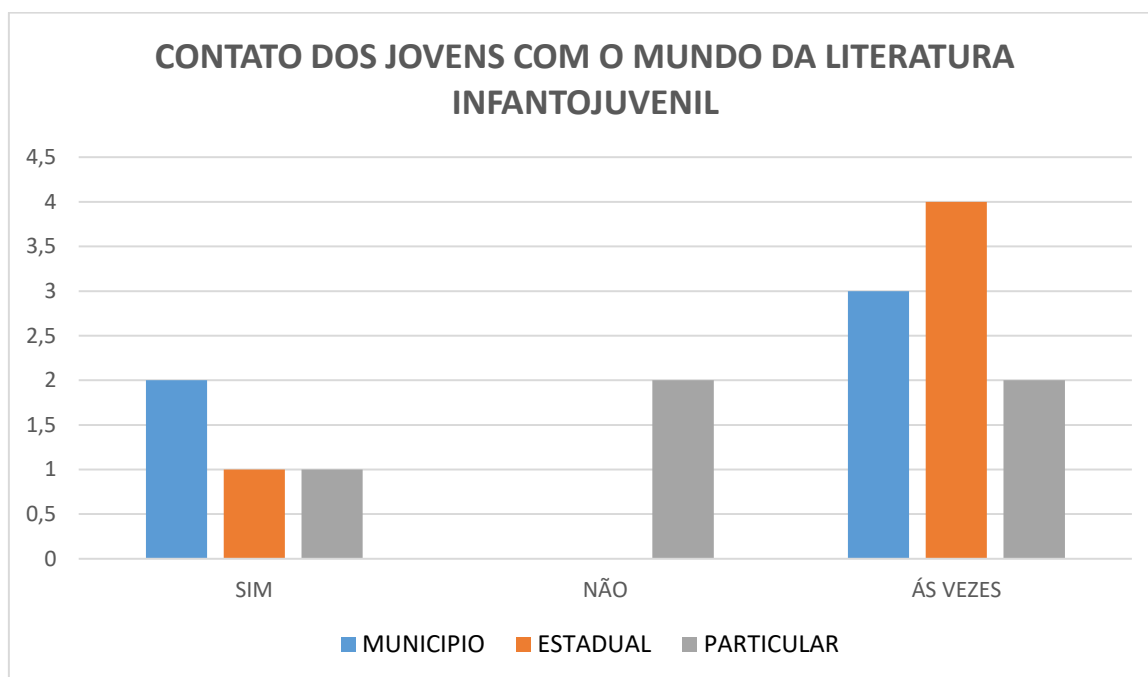
**FONTE: Elaborado pela autora**

O gráfico 11, favoravelmente 11 professores responderam que a ludicidade sempre contribui no processo da leitura dos alunos e apenas 4 responderam que isto ocorre as vezes. Desta forma percebe-se com clareza a importância da exploração do lúdico nos livros infantojuvenil.

A ludicidade na educação possibilita situações de aprendizagem que contribuem para o desenvolvimento integral do aluno, mas deve haver uma dosagem entre a utilização do lúdico instrumental, isto é, segundo Maria Bordini (1993) a ludicidade com a finalidade de atingir objetivos escolares, envolve o aluno em aprender de forma prazerosa, sem forçar seus limites e muitas vezes, a leitura explorando o lúdico ocorre de forma espontânea e sem pressão.

Portanto, fica evidente nesse gráfico que os professores entrevistados reconhecem a importância do lúdico no desenvolvimento da leitura de seus alunos.

**GRÁFICO 12: Contato dos jovens com o mundo da Literatura Infantojuvenil**

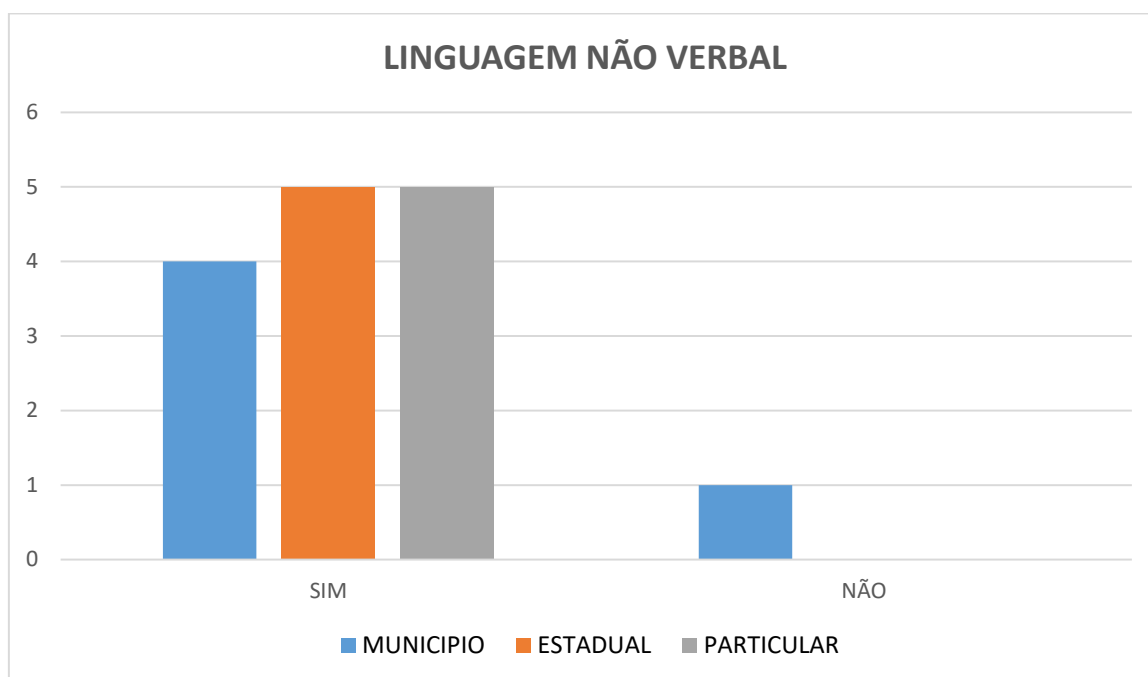


**FONTE: Elaborado pela autora**

O gráfico 12 revela que 4 professores disseram que seus alunos trazem algum contato com o mundo da literatura infantojuvenil, 9 professores disseram que as vezes e 2 professores disseram que seus alunos não trazem contato com esta literatura. Assim, a literatura infantojuvenil demonstra estar sendo pouco utilizada nas séries iniciais e, desta forma, o aluno acaba não descobrindo desde do início o encantando que envolve esses livros destinados para jovens.

Mas vale destacar que de acordo com o que os professores responderam anteriormente, as escolas já estão inserindo no mundo da leitura e, com essa realidade, fica mais fácil fazer com que todos tenham oportunidades iguais de vivenciar as leituras e ter uma boa formação de alunos leitores fluentes, críticos, capazes de ler e compreender o que se está sendo lido e o mais importante: de se ter o gosto de ler livros.

**GRÁFICO 13: Linguagem não verbal como estratégia pedagógica**



**FONTE: Elaborado pela autora**

O último gráfico mostra que 14 professores concordam que a linguagem não verbal pode ser utilizada como uma boa estratégia na formação de leitores e apenas uma professora da rede de ensino municipal não concorda com esta proposta. Porém fica claro que a maioria dos professores percebem como a linguagem não verbal pode ser um instrumento pedagógico importantíssimo no desenvolvimento da leitura dos alunos. Nos capítulos anteriores já apresentamos a influência que a linguagem não verbal pode interferir no processo de ensino-aprendizagem dos alunos. O autor José Gregorin (2009) deixa evidente que o professor ao explorar a linguagem não verbal dos livros literários promove uma prática de ensino melhorando a aprendizagem dos alunos que apresentam dificuldades em interpretar textos literários verbais.

Portanto, o professor deve explorar este tipo de linguagem buscando sempre diversificar a forma de interpretar um texto literário. Desta forma, seu aluno terá a facilidade compreender diversos tipos de texto como também fazer a interação com o mundo literário.

Nos questionários aplicados foi pedido que se comentasse qual a visão sobre a importância da literatura infantojuvenil na formação de alunos leitores, seguem as respostas dadas pelos professores participantes e classificadas pela numeração 1 a 15.

1- *“Trabalhar com literatura infantojuvenil de maneira lúdica, contextualizada e significativa contribui para formar bons leitores e, conseqüentemente construir uma consciência crítica, possibilitando ao sujeito a capacidade de transformar seu contexto social”.*

2- *“A literatura infantojuvenil é de suma importância no processo de construção do conhecimento de crianças e adolescentes. Ela oportuniza situações que auxiliam no desenvolvimento da aprendizagem do aluno incentivando-o na formação do hábito pela leitura. É importante lembrar também que a leitura não enriquece apenas a teoria uma vez que essa prática também auxilia na formação de sujeitos pensantes, críticos, criativos e capazes de refletir sobre o mundo e a realidade a sua volta”.*

3- *“Em princípio a literatura infantojuvenil contribuirá para o desenvolvimento e o aperfeiçoamento intelectual dos jovens, familiarizando-os a cultura existente, tendo em vista os vários desafios existentes a serem enfrentados nas escolas atualmente em relação ao ensino de literatura, pois ve-se que ler, hoje, não é uma prática muito difundida, e os professores tem por obrigação levar seus leitores juvenis a uma abrangente compreensão de sua própria existência, dentro de sua grande carência( conhecimento de si mesmo, e do ambiente do qual vive). Logo, é importante que ela tenha estímulos para desenvolver sua linguagem, alimentar seus pensamentos e sua imaginação, isso só será possível se ela ter o contato com a literatura infantil que ajudará não só a se familiarizar com a linguagem escrita, mas, mais do que isso, a criança estará formando o modo de pensar, os valores ideológicos, os padrões de comportamento de sua sociedade e , em especial, estará alimentando seu imaginário. A convivência com poemas, narrativas ou textos dramáticos com ilustrações ou imagens visuais, passarão integrar o livro de literatura infantojuvenil, fazendo com que o jovem desenvolva habilidades de manuseio, entendimento e de relações entre linguagens diversas, formando referências simbólicas afetivas e de pensamento que irão permanecer na memória influenciar comportamentos futuros. Contudo, eis a grande importância da literatura infantojuvenil nas escolas e creches, sejam elas públicas , municipais ou estaduais de todo Brasil”.*

4- *“A leitura é uma das grandes conquistas da humanidade, ela é o maior elemento da civilização e se configura como um meio de aquisição do que ocorre ao redor do homem. Ela representa para o leitor uma ponte em que se liga o mundo lingüístico com o real, permitindo que o homem revele novos propósitos de reflexão e de escolha por determinadas opções de leitura”.*

5- *“A leitura infantojuvenil é o passo mais importante para que os alunos desenvolvam o interesse pela leitura, porém desenvolver o interesse e o hábito pela leitura é um processo constante, que começa muito cedo, em casa, aperfeiçoa-se na escola e continua pela vida inteira, só assim teremos alunos leitores”.*

6- *“Todos adolescentes devem ter contato com os livros, muitas vezes por conta da parte curricular da escola, somos privados de estarmos sempre trabalhando com a literatura. Somos cobrados a trabalhar mais gramática deixando de lado a literatura. Em algumas aulas vejo a diferença de avanços quando trabalho a parte da leitura com livros juvenis. Portanto, vejo que a literatura infantojuvenil apresenta grandes vantagens no avanço da leitura dos jovens”.*

7- *“A leitura ajuda a melhorar na ortografia e construção de orações e períodos, concordância, regência. Enfim: tudo o que englobaria a gramática normativa, a linguagem culta. Afinal, a literatura destinada aos novos leitores, mesmo com o uso de um estilo mais descontraído, utiliza-se da escrita correta, perfeita. Outro item de fundamental importância é a aquisição de novos vocábulos. A literatura infantojuvenil está sempre “atenada” com as atualidades sociais, políticas, científicas etc. E isso é muito bom até mesmo para o aprendizado de palavras recém-incorporadas à nossa língua”.*

8- *“A literatura infantojuvenil proporciona situações, nas quais os adolescentes interagem no processo de construção de conhecimento, possibilitando assim, o seu desenvolvimento e aprendizagem. É de fundamental importância que nós educadores insira essa literatura em nossas práticas pedagógicas, incentivando os alunos a formação do hábito de leitura, e o desenvolvimento do gosto e do prazer de ler. Pois, a leitura ajuda os discentes a tornarem-se pessoas criativas, pensantes, críticas, capazes de modificar e refletir sobre o mundo e a realidade que é vivida”.*

9- *“É de fundamental importância o ato de ler, o hábito da leitura desde a infância propiciará a formação do indivíduo além do senso crítico na criança. Além disso, aprimora o vocabulário e leva o a desenvolver com mais qualidade as produções textuais. A literatura infantojuvenil desperta a curiosidade no leitor, pois permite que a sua imaginação cresça e queira buscar sempre mais”.*

10- *“A literatura é o primeiro passo para uma educação de qualidade, por isso deve ser introduzida desde os primeiros anos de vida da criança e mais trabalhada quando inicia seu ciclo estudantil. É a partir da literatura que os alunos irão desenvolver seu lado imaginário, e começara a compreender sobre o bem e o mal. Atualmente o mercado tem introduzido novas formas de leitura, que por muitos estudiosos não é considerada a melhor opção, mas é importante os pais e professores saberem trabalhar com esse tipo de literatura”.*

11- *“ A literatura infantojuvenil é importante no desenvolvimento do aluno, porque consegui chamar a atenção do leitor, e assim o aluno demonstra interesse em aprender”*

12- *“Trabalhar com literatura infantojuvenil de maneira lúdica, planejada, coordenada, contextualizada e significativa contribui sobremaneira para formar bons leitores e, conseqüentemente, construir uma consciência crítica, aguçando a capacidade de cada sujeito de transformar a sociedade na qual está inserido.”*

13- *“A literatura infantojuvenil é de fundamental importância no processo de ensino-aprendizagem bem como na formação de alunos leitores, principalmente quando você utiliza todos os recursos que os livros proporciona.”*

14- *“ É de fundamental importância pois os alunos leitores obtém conhecimentos, desenvolve um potencial crítico, para então questionar, expor opiniões, e acima de tudo interpretar o mundo. Pois a literatura se faz presente em nossas vidas desde o momento que começamos a compreender o mundo á nossa volta”.*

15- *“A literatura infantojuvenil é de fundamental importância no processo de ensino-aprendizagem bem como na formação de alunos leitores, uma vez que o gosto e hábito pela leitura devem ser incentivados desde a infância, com leitura inicialmente próxima da sua realidade proporcionando momentos que o faça crescer, experimentar mundos novos ,aguçando sua imaginação e sentimentos de forma prazerosa e significativa ”*

As respostas dadas pelos professores entrevistados relatam a importância a literatura infantojuvenil na formação de alunos leitores. Apesar de que muitos docentes responderam falando da questão da leitura e não da literatura em si. Porém, vale destacar que os docentes

conhecem as formas de se trabalhar a literatura infantojuvenil, consideram-se professores leitores, apropriando da leitura como fator construtivo na formação de seus alunos.

Observando a resposta 01 podemos perceber que o professor frisa em trabalhar a literatura infantojuvenil de forma contextualizada, buscando formar alunos com consciência crítica. Na resposta 02, fato relevante no seu comentário quando diz que a leitura não enriquece a teoria, ela deve conciliar com a formação de sujeitos pensantes e críticos.

A resposta da questão 03 foi a mais extensa e complexa, onde a professora salienta a importância da convivência dos alunos com os gêneros poéticos, narrativos, dramáticos, com ilustrações. Demonstrando que o processo de ensino de leitura apresenta diversos recursos metodológicos, basta o professor saber usar esses tais métodos.

Na resposta 04, 05 e 10 enfatizam que quanto mais cedo o contato com a leitura, melhor será o desenvolvimento do aluno pelo universo literário. E esse processo começa inicialmente em casa, aperfeiçoa na escola e continua na vida inteira do aluno.

A resposta 06 destaca um ponto relevante, que seria a parte curricular da escola que não deixa trabalhar a literatura infantojuvenil da mesma forma que o professor desejaria trabalhar. O professor relata que o sistema de ensino se preocupa em trabalhar com a gramática, do que incentivar nos trabalhos com a leitura.

Já a resposta 07 e 09 destaca-se a importância de trabalhar a leitura como forma de melhorar a ortografia, como também o aluno aprende a construir orações, período composto e regência. Relatam também que ao incentivar a leitura também fará com que incentive a curiosidade do leitor, permitindo que cresçam mentalmente e desta forma busquem mais informações para ampliar o conhecimento. As demais respostas 11, 12, 13, 14 e 15 destacam a importância da literatura Infantojuvenil no desenvolvimento dos alunos, demonstrando ser um momento prazeroso tornando significativo para o aluno na hora de ler.

Observa-se que todas as respostas dos professores enfatizam sobre o papel importante de fazer um trabalho eficiente, prazeroso com a literatura infantojuvenil para formar alunos leitores. Esta formação não é um processo fácil, mas com base em boas estratégias como: valorizar a leitura de maneira prazerosa, disponibilizar a leitura de textos diversos, ajudará na formação de bons leitores.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho permitiu fazer uma reflexão sobre as influências do lúdico na literatura infantojuvenil na formação de alunos leitores. As pesquisas possibilitaram compreender o processo histórico da literatura infantil e infantojuvenil desde do seu início chegando ao Brasil até os dias atuais, tendo como destaque principal o autor Monteiro Lobato que proporcionou uma literatura de qualidade para crianças e jovens.

A importância do papel do educador em desenvolver projetos estimulantes para despertar o gosto pela leitura, sendo necessário que o professor seja um leitor, que saiba estimular a leitura utilizando como um dos recursos pedagógicos o contato da literatura infantojuvenil com seus alunos.

Através das pesquisas realizadas e com base na análise das respostas dos questionários, com professores da rede de ensino municipal, estadual e particular escola particular pôde-se perceber que ambas desenvolvem trabalhos voltados para a inserção da literatura infantojuvenil na formação de alunos leitores, disponibilizando de ambientes que proporcionam o contato com a leitura. Também é constatado nas respostas dos professores, que a literatura infantojuvenil é valorizada e aplicada como instrumento eficaz para uma boa formação de leitores.

Portanto novos métodos devem ser sempre adquiridos e as práticas em sala de aula devem ser estabelecidas e praticadas, pensando na formação de alunos leitores, críticos e conhecedores do mundo literário.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

BAMBERGUERD, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. 7. Ed. São Paulo: Ática, 2000.

BARROCO, José Alves. **As bibliotecas escolares e a formação de leitores**. Dissertação de Mestrado. 2004

BENJAMIM, Walter. **O Narrador**. In: Os Pensadores. 2. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura – a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BORDINI, Maria da Glória. **A literatura infantil nos anos 80**. In: SERRA, Elizabeth D'Angelo (Org.). 30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1998. p. 33-45.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ensino fundamental de nove anos**. Brasília: MEC/SEB, 2007.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática**. 7.ed. Moderna. São Paulo, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. 3 ed. Editora Ática. Série Princípios. São Paulo, 1998.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo**. 5. ed. São Paulo: Manoele, 2010.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário Crítico de Literatura Infantil e Juvenil Brasileira: séculos XIX e XX**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. São Paulo: Ática, 1983. 143p.

DINORAH, Maria. **O livro infantil e a formação do leitor**. Editora Vozes. Petrópolis, RJ, 1995.

GOES, Lúcia Pimentel. **Introdução à Literatura Infantil e Juvenil**. Pioneira. São Paulo, 1998.

GREGORIN, José. **Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores**. Editora Melhoramentos. São Paulo, 2009.

FERNANDES, Célia Regina Delácio. **Leitura, literatura infantojuvenil e educação.** Londrina: EDUEL, 2007.

KHEDE, Sônia Salomão ( org.) **Literatura Infantil/Juvenil: Um gênero Polêmico.** Mercado Aberto. Porto Alegre, 1986.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 7. ed . São Paulo: Atlas, 2010

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** 6.ed.Sp: Brasiliense, 1986.

MELLENDES, Maria Fernanda; SILVA, Rovilson José. **A formação de leitor no ensino fundamental: Os parâmetros curriculares nacionais e o cotidiano das escolas.** 2008.

MORAES, Antonieta Dias de. **Reflexos da violência na literatura Infantojuvenil.** São Paulo, 1991

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de Termos Literários.** 12.ed. Cultrix. São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. **Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil.** Ática. São Paulo, 1990.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio.** Curitiba: SEED, 2008

\_\_\_\_\_. **Personagens da literatura infantojuvenil.** Ática. São Paulo, 1986.

RESENDE, Vânia Maria. **Literatura Infantil e Juvenil.** Saraiva. Rio de Janeiro, 1993.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. (Org.). **O lúdico na formação de professores.** 7. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura Infantiljuvenil.** Edição da UFG. Goiânia, 1994.

SOUZA, Gloria Pimentel Correia Botelho de. **A literatura infantojuvenil brasileira vai muito bem, obrigada.** Editora DCL. São Paulo, 2006

TAPIA, Alonso Jesús; FITA, Enrique Caturla. **A motivação em sala de aula: o que é, como se faz.** 7ª ed. São Paulo: edições Loyola, 2006.

TURCHI, Maria Zaíra; SILVA, Vera Maria Tietzmann(orgs.). **Leitor formado, leitor em formação leitura literária em questão.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.

ZILBERMAN, Regina. **Um Brasil para criança. Para conhecer a Literatura Infantil brasileira: Histórias, autores e textos.** 3. ed. SP: Global, 1988.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** 11. ed. São Paulo: Global, 2003..

## 8. APÊNDICE A – Questionário

**Questionários para professores da rede Municipal, Estadual e Particular do município de Caetité**

### QUESTIONÁRIO

Prezado (a) Professor (a),

Este questionário, com 16 questões, faz parte da pesquisa intitulada **As influências do lúdico na literatura infantojuvenil na formação de alunos leitores** (título provisório), e tem como objetivo principal *analisar como os elementos internos da literatura infantojuvenil, a saber do lúdico, influenciam na formação de alunos leitores*, sob orientação do Prof. Rogério Soares Silva. Assim, solicito a sua especial colaboração no sentido de responder às questões apresentadas a seguir com atenção. As informações prestadas terão o anonimato garantido e serão fundamentais para a conclusão deste estudo que tem a pretensão de contribuir para a melhoria dos processos formativos da Universidade nos cursos de Licenciatura.

Antecipo desde já os meus agradecimentos pela atenção e disponibilidade.

Grata pela colaboração!

1. **Sexo** ( ) Masculino ( ) Feminino

2. **Idade** \_\_\_\_\_ Anos

3. **Formação:** ( ) Superior incompleto ( ) Superior Completo ( ) Especialista em Educação

4. **O cargo que ocupa:** ( ) professor regente ( ) professor substituto  
**Da rede:** ( ) Pública Municipal ( ) Pública Estadual ( ) Particular

5. **Tempo de atuação como docente:**

( ) Menos de 5 anos ( ) 5 a 10 anos ( ) Mais de 10 anos

6. **Você se considera um professor leitor?** ( ) Sim ( ) Não

7. **Na escola em que trabalha possui biblioteca?** ( ) Sim ( ) Não

**8. Existe algum projeto que incentive os alunos a ler?** ( ) Sim ( ) Não

**9. Em suas práticas pedagógicas você trabalha com a literatura infantojuvenil?**

( ) Sim ( ) Não ( ) As vezes

**10- Com que frequência, em suas práticas pedagógicas, você utiliza a literatura infantojuvenil?**

( ) Em todas as aulas ( ) Uma vez por semana ( ) Uma vez a cada quinze dias

( ) Uma vez no mês ( ) Uma vez em cada Unidade ( ) Nunca uso

**11. A Literatura Infantojuvenil é inserida de maneira prazerosa?** ( ) Sim ( ) Não

**12. Os alunos possuem um ambiente que proporcione o contato com a leitura?**

( ) Sim ( ) Não

**13. Em sua opinião, a ludicidade das narrativas nos livros literários infantojuvenis contribui para o processo ensino-aprendizagem e estimula o desenvolvimento da leitura de seus alunos?**

( ) Às vezes ( ) Sempre ( ) Nunca

**14. Os jovens já trazem algum contato com o mundo da Literatura Infantojuvenil?**

( ) Sim ( ) Não ( ) Às vezes

**15- Você considera que a linguagem não verbal de alguns livros literários infantojuvenis pode ser utilizada como uma boa estratégia pedagógica na formação de leitores?**

( ) sim ( ) não

**16. Comente, qual sua visão sobre a importância da literatura infantojuvenil na formação de alunos leitores.**

---

---

---

Caetité, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

